PEARL White

ANNO V

PREÇO 1$000

Para todos...

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164 Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

MME. X. PSYLONE (Rio) — 1600, Broadway, N. Y. C.

EUREKA (Rio) — Loura, azues. Parece, mas não é.

SEU BENTO (Nictheroy) — Universal City, California.

EVERARDO (Maricá) — Já sahiu tres vezes.

BEMZINHO (Sant'Anna) — 485. Fifth Avenue, N. Y. C.

LÓLÓ & LÉLÉ (Campinas) — Casado com Dorothy Davenport. Tem um filho.

O' BELISQUINHO (Rio) — Não podemos servil-a, senhorita. Desculpe, sim?

REMEDIADO (Caetité) — Ambas com a Paramount.

SOUZA MARTINS (Catolé do Rocha) — Universal City, California.

B. LOUREIRO (S. Bento) — Nem de nome conhecemos. E' algum comprimario, com certeza. Escreva para o endereço da fabrica, que é o melhor.

REI DE KOPAS (Ilhéos) — Já passou ha mais de tres mezes e na occasião demos a nossa opinião, que foi bem favoravel.

ANDRE' DE REZENDE (Curityba) — 1°, Casada com o proprio director de scena. 2°, Não sabemos. 3°, Allan Holubar. 4°, James Rennie. 5°, Fred. Niblo.

BOMBEIRO (Santo Amaro) — Ha muito tempo que não passa nenhum. 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Duas, de certa importancia. Não conhecemos.

VELHO LEITOR (Campos) — Passam alguns por anno, não com a mesma frequencia de antanho, mas sempre passam.

ZE' DO CORREGO (Ponte Nova) — Não conhecemos.

LENA (Campinas) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. E' o endereço da fabrica.

BEMBEM DOS OUTROS (Barbacena) — A Realart já deixou de existir. A Metro brevemente virá ao Brasil com suas mais modernas producções.

VASCOLINA (Santa Fé) — 1°, Casado. 2°, Divorciado. 3°, Casado. 4°, Solteiro.

BRAZ PATIFE (Rio) — 1°, Lérias, meu caro, simples lérias. No fim, verá que se trata da *réclame* de algum film. 2°, Não nos preoccupamos com boatos. 3°, Deixal-os falar, que elles calarão-se-ão.

TEMGRAÇA (Rio) — Não podemos publicar. Isso de critica é comnosco. Se formos abrir nossas columnas a essas questões estragariamos a nossa revista. Por isso...

MENDONÇA & CIA. (Rio) — Já publicamos o que sabiamos a respeito. Depois dessa nota nada houve de novo.

J. R. P. (Rio) — A Vitagraph continua a produzir com regularidade. Seus films passam em Buenos Aires. Aqui, entre nós, ha muito que não vêm.

LUIZ RIOS (S. Paulo) — Brevemente.

M. X. P. (Ouro Preto) — Não podemos attendel-o.

VEREDIANO (Rio) — Da Metro.

ITAGUAHYENSE (Itaguahy) — 485. Fifth Avenue, N. Y. C.

ELLA E ELLE (Rio) — Escrevam directamente. Não servimos de intermediarios. Só respondemos por aqui e pela ordem da antiguidade das cartas.

PASCACIO (Rio) — Bem lhe coube o pseudonymo. Não póde ser.

CAMARÃO (Santos) — Brevemente. Em todo caso é bom lembrar.

BEBE DO DANIEL (Rio) — Não podemos attender.

VENERADORA (S. Paulo) — Aguarde a vez. Deixe estar que ha de sahir.

SEU LOPES (Bahia) — Não conhecemos.

MARY WHITE (Sorocaba) — Loura, azues, casada.

TETÉA (Barbacena) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. as duas primeiras; 10 th Avenue 55 th to 56 th Street, N. Y. C. a outra.

MENDES (Idem) — Ainda no corrente mez de Janeiro.

MOÇA (Baturité) — Universal City, California. Casado.

BALTHAZAR, GASPAR E BELCHIOR (Rio) — Já dissemos a respeito o que tinhamos de dizer.

E. MANCEBO (Santos) — 1°, Ambas com a Paramount. 2°, Não sabemos. 3°, Todos tres da Metro. 4°, Com a Fox. 5°, Da Universal.

ES... MOLAMBADO (Rio) — Bem achado nome. E fiquemos por aqui.

☆ ☆ ☆

O MEU PEOR TRABALHO E COMO CONSEGUI UM MELHOR

POR

George Fitzmaurice

Eu tive o meu peor emprego num barco em Paris. O meu pae

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno (Serie de 52 ns.)	45$000	No Rio	1$000
" semestre (26 ns.)	25$000	Nos Estados	
Estrangeiro	60$000		

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Para todos...

Os Films da Semana

Uma semana feliz para os admiradores da arte muda, esta que registramos. Os *films* que passaram nos cinemas da Avenida agradaram geralmente. Foi bôa a producção franceza do Pathé. Bem montada, magnificamente interpretada. Ainda o motivo do *film* tem imprevistos curiosos, que muito interessam. A producção americana, dignamente representada, equivaleu-se tanto no Odeon, no Avenida, como no Parisiense e até mesmo no Central, em que a Hodkinson brilhou com o *film* "A tentação do luxo", creação da incomparavel Mabel Ballin, encantadora creatura, cujos dotes de elegancia nesse trabalho de luxuosa encenação tem opportunidades de rarissima felicidade para mostrar-se fascinante.

"Entre bandidos", creação de Mary Pickford, agradou. Muito mais, certamente, aos admiraodres dessa ingenua, cujas qualidades artisticas, de um modo original, nem a todos interessam. O *film* é bom e todo feito á maneira de Mary Pickford.

No Avenida, "A vida" e depois "Através o continente", de generos differentes, um cheio de sentimento e dura realidade, como o interpretado por Jack Mower e Nita Naldi, artistas ainda não popularisados entre nós; e outro — "Através o continente", americanisado á ultima moda, basta para garantir-lhe o exito a figura sympathica do admiravel Theodoro Roberts, que nelle toma parte saliente.

Afinal, tivemos os *films* allemães. Os do Palais não vale julgar. O publico já os conhece tanto como nós, porém, o que passou no Theatro Lyrico, pela retumbante reclame lá fomos vêl-o. Um *film* grande, de ensenação grande, com acompanhamento grande de orchestra, e que termina por entediar os espectadores esperançados na cinematographia allemã. Entretanto, a empreza Loureiro, que alugou o theatro para este *film* applaudiu bastante a idéa dos proprietarios do Palais e já indagou quando haverá outra producção para passar no Lyrico.

Sem mais, saudades da *Du Barry* e de *Sumurún*.

OPERADOR N. 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 18 A 24 DE DEZEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
First Nat.	Odeon	Entre bandidos (Heart of the Hills)	Mary Pickford	1920	... 6 ...
Paramount	Avenida	A vida (Life)	Ack Hower, Nita Naldi		... 6 ...
"	"	Através o continente (Across the Continent)	Wallace Reid, Mary Mac Laren e Theodore Roberts	1922	... 6 ...
Film francez	Pathé	Só a verdade (La verité)	Emmy Lyme, Maurice Reynaud	1922	... 6 ...
Realart	Parisiense	Infeliz herança (Tillie)	M. M. Minter	1922	... 5 ...
Korona-film	Palais	A pequena modista (?)	Baroneza Ica		... 3 ...
Fox	Central	O indomado (The Untamed)	Tom Mix	Rep.	
Hodkinson	"	A tentação do luxo (Other Womans Clothes)	Mabel Ballin	1922	... 6 ...
?	Palais	Lulú de Montmartre (?)	Ressel Orla	?	... 3 ...
?	Theat. Lyrico	Sodoma e Gomorrha	Lucy Doraine e Michel Varkony	1920	... 6 ...

queria por toda lei, que eu fosse um banqueiro e eu, como até agora, detestava os algarismos, pelo menos os algarismos que escrevemos em papel. A minha vocação naquelle tempo era a carreira diplomatica, o que meu pae não podia tolerar. Por fim, entramos em accordo, numa de especie de compromisso, eu seguindo a carreira de vendedor em commissão e indo para as Indias, onde trabalhei por varios annos. Assim tambem satisfiz ao meu grande desejo de visitar paizes longinquos, afim de adquirir novas impressões e emoções.

A profissão de banqueiro, é por certo bonita e tem suas vantagens. Porém para mim, era simplesmente detestavel, justamente porque a minha mentalidade e as minhas idéas não se coadunavam com as importantes operações bancarias. Todos nós, neste mundo, somos como os dentes de uma roda de engrenagem: ou estamos bem ajustados ou a roda não trabalha com a lisura mecanica necessaria. E imagino como certa gente se sentiria completamente perdida, completamente fóra de si, descontente e attribulada com os problemas que um director de scena tem de enfrentar na arte de produzir uma fita cinematographica!

◇

Com Colleen Moore em "Slyppy Mc. Gee", do First National, trabalha Wheeler Oakman, marido de Priscilla Dean.

◇

"The White frontier" é a segunda producção de Allan Holubar para o First National, na vigencia do seu actual contracto.

Dorothy Phillipps será a estrella.

◇

Maurice Tourneur firmou contracto com o First National para a producção de uma série de films em 1923, sendo o primeiro "The isle of Dead Ships".

◇

Cesare Gravina, conhecido artista italiano, que já esteve entre nós, trabalha no ultimo film de Jackie Coogan "Fiddle and I".

◇

Em "Michael O'Halloran" trabalham Thomas Ince, Irene Rich, Claire Mc. Dowell, Baby Muriel Mc. Cormack, True Boardman Junior, Josie Sedgwick, Charles Clary, etc.

◇

Em "Passion Vine", da Metro, dirigido por Ingram, trabalham Alice Terry, Ramon Navarro e Harry Morey.

◇

Anna Q. Nilsson ficou bastante queimada filmando uma scena que se suppunha passar em uma floresta incendiada. Está no hospital, em Los Angeles.

◇

Lillian Gish firmou contracto com a "Inspiration Pictures" e breve apparecerá em um film — "The White Sister", sob a direcção de Harry King.

"Uma noite movimentada" é a ultima producção de Griffith, com Carol Dempster.

◇

O film de Virginia Pearson "As esmeraldas do bispo", aqui passado ha uns dois annos, está sendo exhibido, agora, em Paris... e com successo.

◇

"Way down East" acaba de passar em Paris, obtendo o mais formidavel de todos os successos. A grande obra de Griffith assombrou a critica e o publico.

◇

Em "Kick In", da Paramount, trabalham Bert Lytell, Betty Compson e May Mc. Avoy. A direcção é de Fitzmaurice.

◇

Leatrice Joy, Jacqueline Logan e Raymond Hatton apparecem juntos no film "Java Head". A direcção é de G. Melford.

◇

R. A. Walsh terminou "Passions of the Sea", para a Goldwyn, com House Petrs, Pauline Starke, Antonio Moreno e William Mong, nos principaes papeis.

◇

"The Village Blacksmith", da Fox, está terminado. Virginia Valli, George Hackatorne, Tully Marshall, Dave Butler, Lucille Hatton e Francis Ford, são os artistas, e Jack Ford, irmão do ultimo, é o director.

Novo Institute de Belleza

Unica succursal na America do Sul do "Nouvel Institut de Beauté de Paris", recentemente aberto nesta capital por occasião das festas do Centenario. Sob a direcção de Madame Jeanne Caillet, enviada especialmente de Paris, para reger este dito estabelecimento. O novo "Institut de Beauté de Paris" vem offerecer ás distinctas damas Sul-Americanas os meios de conservar e augmentar a belleza. Obter a formosura do busto e a ultra belleza dos seios, graças á ultima e feliz descoberta do celebre Dr. A. Derval, professor do "Nouvel Institut de Beauté de Paris". Novo processo completamente desconhecido até hoje na America do Sul, sendo exclusivo do Dr. Derval, para o emmagrecimento local e geral por meio de applicações electricas especiaes, resultado rapido e completamente inoffensivo para a saude. Tratamento infallivel para a destruição para sempre dos pellos superfluos, para tirar as sardas, manchas, pannos, cravos, espinhas, rugas, cicatrizes e tudo que póde affectar a belleza. Massagens electricas, manuaes, electrolyzação etc. Graças ao concurso de um especialista enviado de Paris pelo "Nouvel Institut de Beauté", garante-se a efficacia de todos os tratamentos. Accei-ta-se consultas por correspondencia, seja em francez, inglez, italiano, hespanhol ou portuguez, enviando sello para resposta. Mme. Jeanne Caillet, Rua Uruguayana n. 105, sobrado — Rio de Janeiro — De 9 ás 12 e de 2 ás 6 horas.

UM FILTRO DE ALGIBEIRA

Incluso no sortimento variado de filtros que acaba de apresentar no mercado a Rex Filter Co., 4-6 Cedar Street, Nova York, E. U. A., ha um filtro de algibeira, pelo uso do qual se póde obter de qualquer corrente ou balde agua de beber, pura. Este filtro é sufficientemente pesado para se afundar abaixo da superficie de uma corrente, de modo que póde obter-se a agua mais limpa e fresca de debaixo. Pode-se usar de dois modos: submergindo-o para beber a agua directamente de um rio, poço ou qualquer vasilha cheia de agua, e, depois da immersão, póde-se beber a agua através do tubo de borracha com que vae munido o filtro, de modo que a agua chega á bocca em pequenos tragos. Ou para uso durante a noite, póde-se submergir o filtro numa vasilha maior, cheia de agua. Absorve-se a agua através do tubo de borracha até chegar á bocca, e, então, deita-se o tubo sem perda de tempo num receptaculo collocado a alguns pés mais abaixo para conter a agua filtrada. Durante a noite, a agua continuará cahindo na vasilha collocada mais abaixo. Todas as impurezas da agua ficam na superficie da pedra, que póde ser facilmente limpa com uma escova, um pedaço de concha, uma pedra afiada ou uma faca. A pedra póde tambem ser fervida.

MUDANÇAS DE HUMIDADE NO PAPEL

E' bem conhecido o facto de que o papel contém mais humidade numa atmosphera humida que numa atmosphera secca. Em dia humido, o papel está flácido como um trapo, emquanto que, em tempo secco, está consistente e range, sendo a differença devida á maior ou menor quantidade de humidade que contenha. A extensão destas variações foi demonstrada pelo professor Dalen, que publicou os resultados das varias manifestações de humidade tem quatorze papeis a certas humidades relativas, que variavam de 30 a 100 por cento. A 30 por cento de humidade, os papeis continham de 2.3 por cento a 3.6 por cento de atmosphera humida, emquanto que, a 90 por cento de atmosphera humida continham de 10.2 por cento a 15.1 por cento de humidade. Os papeis examinados comprehendiam papel de escrever, papel de imprensa e de embrulho, feitos á mão e japonezes, e o material fibroso e collante variavam o sufficiente para que a collecção seja considerada assaz completa no ramo geral de productos de papel com a possivel excepção de papeis assetinados. Experiencias recentes num certo numero de papeis de livros, simples e assetinados, mostram, de um modo geral, bastante conformidade com os resultados do professor Dalen, não obstante parecer que os papeis assetinados, especialmente os que contém setim branco, tendem a reter mais humidade que os papeis não assetinados.

AS FUTURAS ESTRÉAS

(ATRAVEZ DA CRITICA NORTE-AMERICANA)

THE VALLEY OF THE SILENT MEN, da Cosmopolitan Paramount.
com Alma Rubens e Lew Cody, é um desses sombrios dramas de J. O. Curwood. Bons scenarios. Bom desempenho.

SUNSHINE HARBOR, da Pathé N. Y.
é uma velharia como argumento, repetição de velhos e explorados themas. Margaret Beecher não satisfaz.

THE HANDS OF NARA, da Metro,
com Clara Kimball, é um film de excellente assumpto, que não foi, aliás bem desenvolvido. Elliot Dexter, Edwin Stevens, John Milliern, contribuem para o successo.

UNDER OATH, da Selznick,
com Elaine Hammerstein, Mahlon Hamilton, Niles Welch e Wallace Mac Donald, é o melhor film de Elaine. Assumpto interessante. Bom film.

JUST TONY, da Fox.
com Tom Mix, é um dos mais interessantes films do Oeste que temos visto. O melhor trabalho é de Tony, o cavallo de Mix. Mostra-se elle tão intelligente que chegamos a desejar vel-o em logar do director.

RICH MEN'S WIVES, da Goldwyn,
com Claire Windsor e House Peters. E' um film todo superficial. Se a gente o analysa...

THE NEW TEACHER, da Fox.
com Shirley Mason, é um dos eternos films melosos dessa estrella.

THE FIGHTING GUIDE, da Vitagraph.
com William Duncan, é uma comedia-drama, costumes do Oeste, bem feita e bem representada. Edith Johnson apparece.

FORTUNE'S MARK, da Vitagraph.
com Earle Williams e Patsy Ruth Miller, tem boas paizagens e um enredo inverosimil. Bem trabalho do estrella.

A GIRL'S DESIRE, da Vitagraph,
com a deleitavel Alice Calhoun, é boa comedia, espirituosa e excellentemente representada.

WHAT'S WRONG WITH THE WOMAN, da Equity.
com Montagu Love, Barbara Castleton, Rod La Roque, Constance Bennett, Hedda Hopper, Julia Swayne Gordon, Mrs. Oscar Hemmerstein, Baby Helene Rowland, Wilton Lackaye, etc., todos admiravelmente em seus papeis. Assumpto interessante. Boa producção.

DESTINY'S ISLE, da American Releasing.
com George Fawcett, Virginia Lee, William Davidson e Ward Crane. Nem por isso.

KINDRETH OF THE DUST, do First National
com Mirian Cooper, é um dos maiores absurdos e artificios do cinema. Enorme, aborrecido! Que pena temos de vêr Mirian Cooper mettida nisso.

WHEN HUSBAND DECEIVES, da Associated Erhibitors,
com Leah Baird, com um macaco, um cachorro e não sei que mais.

FOOLS OF FORTUNE, da American Releasing.
com Tully Marshall, que não póde salvar a producção apezar do seu bom trabalho.

A LADIE'S MAN, da Metro,
com Bull Montana e Myrtle Lind, é uma comedia em tres partes que não desagradará.

WEST OF CHICAGO, da Fox.
com Charles Jones, que vae acompanhando *pari-passu* Tom Mix, Bill Hart e centos de outros artistas do Oeste.

UP AND AT'EM, da F. B. O. (ex-Robertson Cole).
com Doris May, não nos agradou.

SLIM SHOULDERS, da Hodkinson,
com Irene Castle e Rod La Roque, assim, assim.

MONTE CHRISTO, da Fox,
mal representado.

THE YOUNG DIANA, da Cosmopolitan,
é lindo e mudo. — (?) Estes productores de Marion Davies só fazem films parecidos!! Ou então é ella, que é sempre a mesma.
Ella sorri, fica pensativa, torna a sorrir e não faz mais nada.

VOICES OF THE CITY, da Goldwyn.

A scena mais dramatica deste film foi cortada pela censura. Isto foi quando elle se intitulava "The night rose".
A Goldwyn levou o caso para os tribunaes, perdeu e aproveitou o que restou da tesoura para depois lançal-o com este titulo.
Leatrice Joy, Lon Chaney e Cullen Landis são os artistas.

THE THREE MUST-GET-THERES, da Allied Artists.

com Max Linder, é uma parodia muito bem feita d'"Os tres Mosqueteiros", de Fairbanks, com o hilariante Max Linder.

THE MASQUERADER, da First National.

E' a historia de um tal "M. P." e um primo que parecem gemeos.
E' filmado com dupla exposição como os outros, e tem uma pequena novidade no enredo. Não julgamos "The masquerader" bom film.
Tudo é muito theatral e alguma cousa inacreditavelmente estupido.
Emfim, como permaneceu duas semanas no Strand, talvez nós estejamos errados.
Guy Bates Post faz os dous papeis, Marcia Manon é a cynica e Ruth Sinclair a esposa.

THE BONDED WOMAN, da Paramount.

"A mulher admirará um santo", — diz um letreiro deste film, — "mas ella acompanhará um peccador até o fim do mundo". E assim, vemos a linda Betty Compson abandonar o sympathico Richard Dix e seguir o rustico, porém, fascinante John Bowers, por páos e por pedras. Comquanto não haja bem o sentimento da historia de onde foi tirado, a caracterisação dos artistas é bôa e bastante para manter interesse. Ha forte acção, tempestades etc. Betty Compson vae ter com John Bowers, não se queixando ao menos, delle não se barbear... mas nós a vimos lançar ardentes olhares para Richard Dix, durante o film...

HER GILDED CAGE, da Paramount.

Não se póde ouvir fallar em "Gaiola dourada", sem pensar em Cecil De Mille, mas o film não é delle.
Sam Wood conseguiu doural-a, sem elle. Gloria Swanson faz uma estrella de opera comica, sustentando mil parentes invalidos.
Para o publico ella é má, selvagem, porém, em casa é um anjo.
Descobrem isto e ella acaba casando com o heróe convencional. David Powell faz isto muito bem.
Walter Hiers faz o reporter e nós nunca o vimos tão bem num papel da vida real.

THE COUNTRY FLAPPER, da Dorothy Gish prod.

Para que Dorothy Gish foi se metter em semelhante droga? Doe mais a nós, do que mesmo a ella, falar deste film.
O seu papel não podia ser peior representado por outra pessoa. Glenn Hunter vae mal, tambem. E' um film idiota que não traz outra cousa sinão Dorothy Gish a cahir e a se levantar. Chega a ser triste! Os letreiros são infames.
Até parece que se apanhou uma porção de pedaços de films velhos e se reuniu tudo.

FOOL'S FIRST, da Goldwyn.

A cousa mais difficil que ha é fazer um film de ladrões, original, e Marshall Neilan o fez. Richard Dix é o sympathico ladrão e Claire Windsor, a sua linda cumplice. Baby Peggy é a causa de uns pedaços divertidos.

HURRICANE'S GAL, do First National.

Dorothy Philipps a fazer filha de capitão de navio, criada como homem, etc., etc. Ha um pouco de romance. Robert Ellis faz o heróe e Wallace Beery é um excellente villão.

JUST JONY, da Fox.

Tony é agora um astro, assim uma especie de John Barriymore e Rodolpho Valentino. Elle pertence a Tom Mix que o amestrou desde quando elle era um poney.
Faz um cavallo que não se deixa apanhar, mas que depois obedece, ouvindo a voz do dono. Tom Mix e Claire Adams o coadjuvam.

MY DAD, (Indep.).

Outro film do norte, com muita neve, trenós, cachorros etc. Johnny Walker faz um joven que ama uma assassina, mas que depois desiste para salvar seu pae.

O CONTAGIO

(J. H. ROSNY AINÉ)

DA elevada janella onde ha o *Vanity Fair*, Flossie lançou os olhos para o gothico perfil de Westminster, para as torres negras do Parlamento e, mais ao longe, além do Tamisa, um canto de suburbio que unia Elephant and Castle e o parque de Hennington.

— Querida Inglaterra! murmurou, com exaltação. Na vespera, haviam passado os zeppelins. Houvera mortos.

E Flossie sentia melhor a sua adoração pela cidade formosa, enorme, magnifica e tão doce aos corações.

✣

A velha Margaret introduziu um homem. Um moço fardado, com o peito scintillante de condecorações e o braço esquerdo na tipoia.

— Oh! Ralph Madison, exclamou ella batendo as mãos...

Elle corou e considerou perturbado aquella linda moça saxonia, de cabellos dourados, de faces rosadas, em cujos olhos transpareciam, segundo o jogo das luzes, reflexos brilhantes de berylo, de turqueza e dos lagos da Escossia.

— Eil-o de volta, querido. Ralph...
Aquelles brutos não o mataram!...
Ella fitava com anciedade o braço ferido.

— Perigoso? perguntou.

— Não... a mão ficará algum tanto paralysada... Mas poderá readquirir o movimento, com o tempo...
Ella tomara entre as suas a mão direita do rapaz. Elle era muito moço ainda, quasi tão moço como ella, com os seus olhos francos e ardentes.

— Não pense que não sei de nada, continuou ella... Sei que foi ferido ao procurar recolher os feridos, sob a metralha...
Deve ser terrivel, Ralph, essa pobre gente que continuam a matar... E' uma guerra ignobil!

— Uma guerra de paciencia e de resignação, Flossie...

— Sim, de quanta coragem precisamos agora... a coragem dos martyres... Deve ter soffrido muito, Ralph?

— Acredito que sim!... Mas todos soffrem... Ninguem tem o direito de queixar-se. Combatemos para que haja ainda gentlemen sobre a terra... para que a Inglaterra não seja humilhada pelos allemães... pela belleza de nossa raça... e por aquellas que são a sua imagem, Flossie!

— Minha imagem! murmurou ella confusa e envaidecida. Pensou então alguma vez em mim, Ralph?

— Nos peiores momentos, Flossie... A sua imagem era o emblema da velha patria...

— Será verdade, querido Ralph? Não será flirt?... Pensou realmente em mim nesses momentos?

— Como na minha propria vida, Flossie.

— Oh! Como é bello... e doce! Então é um grande amor que tem por mim?

— O maior amor.

— Não o julgava assim... Como lamento não o amar tambem.
Uma nuvem de tristeza sombreou a fronte do soldado.

— Eram muitos, proseguiu ella, eram muitos os que pareciam amar-me... Eu não podia saber qual delles valia mais... Eram tão parecidos... quasi todos gentis... e pronunciavam as mesmas palavras. Além disso eu não tinha vontade de casar-me. Tinha medo que o escolhido destruisse a minha mocidade...

Elle conservava-se deante della, triste, humilde e estoico.

— Querida Flossie, eu não tinha esperanças... e sobretudo agora...

— Agora?... E' agora que tem o direito de esperar...

— O direito: suspirou elle com um pouco de amargura.

— Julga que não é nada?...
Mas Ralph, si não amei ainda é porque me tenho posto ao abrigo do contagio...

Quem pode saber o que adviria si eu cessasse de me defender... si procurasse contrahir o mal em vez de fugir delle?...

Escute, querido Ralph... esperal-o-ei muitas vezes... sem desconfiança... quer?

A hora dourada descia sobre Westminster; uma luz suave animava os edificios enfumaçados; corriam pelas ruas os vendedores de jornaes, e homens graves dirigiam-se para o Parlamento.
Flossie e Ralph scismavam.

✣

Elle voltou muitas vezes, como ella pedira. Frequentemente, sahiam juntos, acompanhados de Mrs. Marblegate.

Demoravam-se nos parques sombrios como florestas, ás margens do Tamisa, e algumas vezes, o trem levava-os para Hampstead Heath ou Eping Forest, sob os carvalhos, as betulas, os platanos da velha Inglaterra.
Não fallavam de amor.

Abandonavam-se ao capricho das horas e das almas. Possuiam ambos esse mixto de subtileza e de innocencia, tão commum nos anglo-saxonios, essa gravidade profunda que se allia a alegrias pueris.

Uma tarde elles erravam ao lado da Serpentine. Chovera.

Abrigados, os dois jovens contemplavam uma paisagem tão vasta que se julgariam a cem leguas de Londres, e um perfume embriagador se evolava dos campos.

— Como é bem inglez este dia!. murmurou elle Como está cheio da lembrança dos nossos grandes antepassados que encheram o mundo com o seu genio, a sua coragem e o espirito emprehendedor! Oh! Flossie, como seria repellente o mundo si o teuto dirigisse a manobra!

— Não a dirigirá nunca, Ralph!
Ella estava commovida; havia uma luz nova nos seus olhos claros e um sorriso novo nos seus labios rubros...
E, docemente, ella disse:

— Querido, eis-me vencida pelo contagio! Caminharemos juntos por esse mundo vasto, para o melhor e para o peior!

Elle soltou uma exclamação fraca e apoderou-se da mão deslumbrante de Flossie... Como Mrs. Margaret voltava as costas, attenta ás evoluções de uma lancha, seus labios celebraram o seu noivado.

ANNO V
NUMERO 212

Para todos...

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1923.

NAS ULTIMAS HORAS

O poeta Leopardi, que olhava a vida com olhos dolorosos, imaginou um dialogo entre um vendedor de almanachs e um transeunte, ao fim de um velho anno. O vendedor apregoa a sua mercadoria. O transeunte passa, detem-se, pergunta-lhe: — Acredita, você, que o anno seja feliz? — Certamente, meu senhor. — Muito feliz? Como o anno que termina? — Mas, muito mais! — Como o anno anterior? — Muito, muito mais! — Como que anno, então? Não desconfia que o anno novo se assemelhe a algum dos ultimos annos? — Não... francamente, não... — Quantos annos novos viu passar, desde que vende almanachs? — Ora, eu lhe digo... Vinte. — Com qual desses annos quereria que se parecesse o anno que vem? — Eu?... Não sei... — Não se recorda de nenhum anno feliz? — Por Deus, que não! — Entretanto, a vida é uma boa cousa, não é? — Cada qual sabe... — Não desejaria reviver esses vinte annos, e mesmo os outros que passaram depois do seu nascimento? — Ah! meu caro senhor! se fosse possivel!... — Embora tivesse que reviver a vida já vivida, com os antigos prazeres, os antigos desgostos? — Ah! isso, não! — E que outra vida ambicionaria reviver? a minha? a de um principe? diga. Não pensa que eu, o principe, qualquer creatura, nós responderiamos exactamente como você? Não julga que, levados a reencetar a propria existencia, todos se negarão? — Na verdade... — Assim, pois, sob tal condição, você não concordaria? — Nunca! — Que vida lhe apetece? — Sei lá... uma vida... uma vida que Deus me confiasse, sem exigencias... — Uma vida ao acaso, da qual nada saberia..., uma vida como o anno que vae surgir? — Justamente. — Eu, tambem; eu e todo mundo: signal de que, até hoje, o destino nos maltratou. Sentimos que a somma do mal é sempre maior que a do bem... Ninguem consentiria em nascer segunda vez, para repetir... A vida a que chamamos boa não é a que conhecemos; não é a que se foi, é a que virá. No novo anno, o fado vae, emfim, tratar-nos favoravelmente, a você, a mim, a todos. No novo anno, vae iniciar-se a vida venturosa... — Esperemos. — Dê-me o seu mais bello almanach. O transeunte afasta-se, desapparece na multidão. O vendedor de almanachs continúa a apregoal-os. Ha, talvez, um consolo para o desconsolo dessas palavras: aquellas outras que escreveu Renan, pouco tempo antes de morrer: "Se eu houvesse de recomeçar a vida, queria que ella fosse a mesma, de cujo termo agora me approximo... a mesma, sem mudança nenhuma. Bemdito seja Deus!" Bemdita seja a vida!

Antes do almoço offerecido pelo Sr. Embaixador norte-americano ás senhoras do Congresso Feminino, no Hotel Gloria

Assistencia á festa de encerramento do Externato Coração de Jesus, de Botafogo

No Club S. Christovão, durante o baile em honra ao Sr. Nilo Goulart

O OUTRO LADO DA VIDA...

NA phase actual do Brasil, muitos são os poetas, poucos os prosadores. Será um mal? Não. A poesia, como exprimiu Victor Viana, é o anseio pelo progresso, é o appello ao bello. Uma nação nova, deve ter poetas, que prophetisem, que idealisem, que accelerem as idéas e os surtos progressivos.

Todas as grandes reformas foram precedidas pelos sonhadores, pelos utopistas. E prova é que as nações decadentes não têm poetas.

A Arabia, o Egypto, a China, a Suissa, a Turquia, a Persia, não encontram vozes que interpretem anseios de renovação, de resurgimento. Ao passo que a America está cheia de cantores. E' um bem. A poesia no Brasil, como no continente novo, é um facto logico, natural. E' o appello ao futuro, é o "sursum-corda!"

Mas, a prosa, não deve apparecer? Sim. A prosa é a expressão difficil, pouco peculiar ás gerações novas. E' a arte das velhas nações, de cultura feita: a França, a Allemanha, a Inglaterra.

Quando surgem humoristas, psychologos, romancistas, num meio em formação, é signal já de grande avançamento cultural. Entre a immensa phalange de poetas, vão tambem no Brasil surgindo os prosadores.

Admiravel é o facto de já termos tido no genero verdadeiros mestres, cujo legado vae sendo continuado pelos novos.

Entre estes, poderemos citar o autor do "O outro lado da vida", que de poeta se faz agora prosador, ensaiando um genero difficil — a ficção psychologica.

A obra poetica de Alvaro Moreyra surgiu e se impoz de uma vez, ali pelos annos de 1911 a 1912. O poeta veiu com as mãos cheias de joias e espalhou-as de improviso sobre o mercado literario. Os declamadores, as "diseuses" elegantes, nos salões do Rio, puzeram em circulação os versos decadentes e sonoros onde se encontrava uma nota accentuada de melodia, sobria e nobre. Tinham para garantil-os os dotes raros da espontaniedade e da sinceridade e fugiam á fórma classica do soneto, do alexandrino, do heroico ou da redondilha.

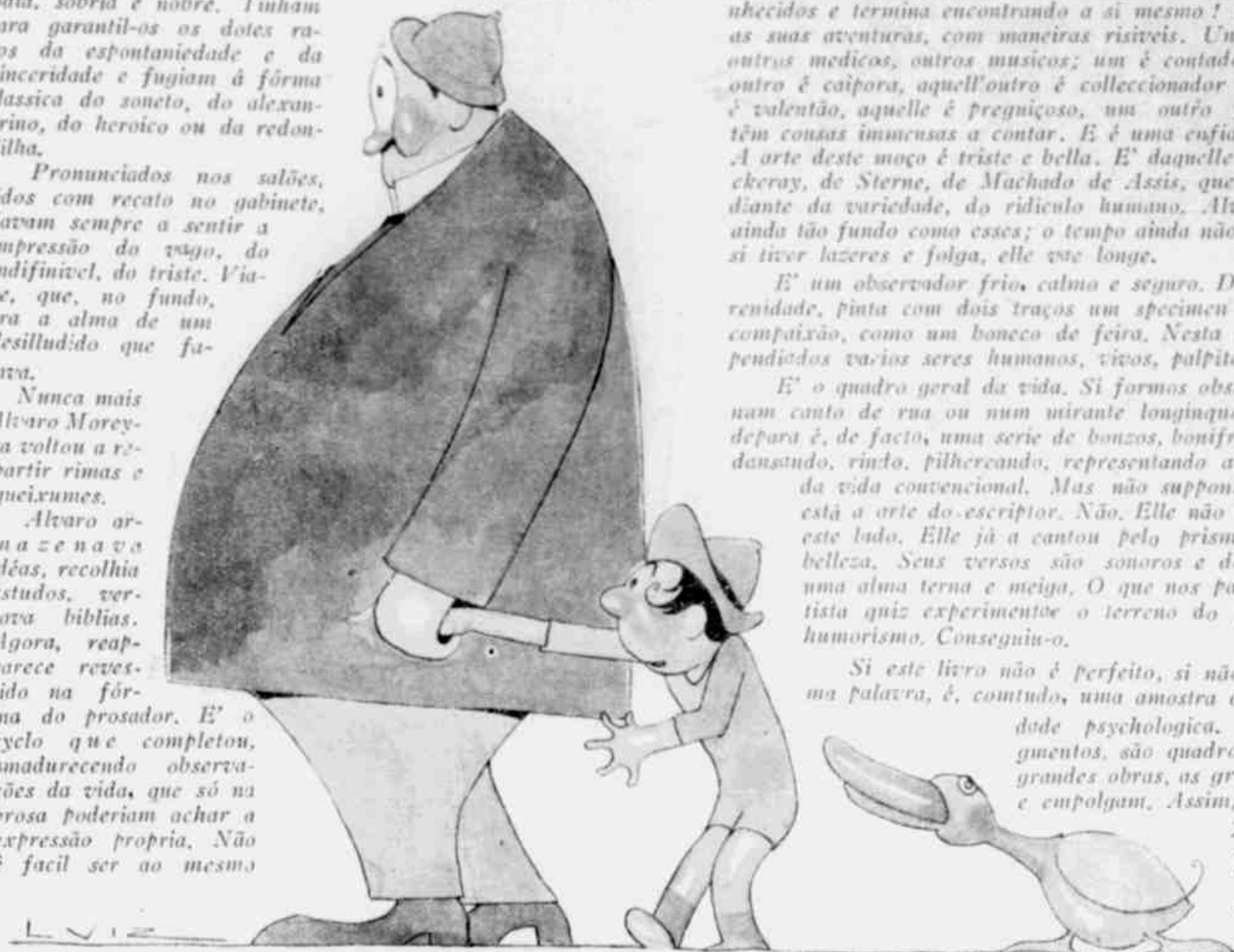
Pronunciados nos salões, lidos com recato no gabinete, davam sempre a sentir a impressão do vago, do indifinivel, do triste. Via-se, que, no fundo, era a alma de um desilludido que falava.

Nunca mais Alvaro Moreyra voltou a repartir rimas e queixumes.

Alvaro armazenava idéas, recolhia estudos, versava biblias. Agora, reapparece revestido na fórma do prosador. E' o cyclo que completou, amadurecendo observações da vida, que só na prosa poderiam achar a expressão propria. Não é facil ser ao mesmo tempo poeta e prosador. Foram-n'o com exito Victor Hugo, Castilho, Nietzsche, Machado de Assis, Bilac. Mas nem todos o pódem ser, a bel prazer. E' preciso que tenha o artista uma parte da alma voltada para a emoção e outra para a reflexão. Daquella, nascem os vôos incontidos, desta nasce a sentença. Ver o mundo não é cousa para todos. Uns o enxergam parcialmente, são lyricos, descriptivos ou tragicos. Outros vão mais além: entram na analyse, penetram a razão do ser da vida, buscam a expressão physionomica da humanidade, comparam os poetas e tiram uma philosophia sua com a qual conduzem a propria arte. Entre estes, surgem os historiadores, os criticos, os psychologos. Vendo a alma humana ao fundo, num espelho crystalino, sentem a admiração pelos fortes e a piedade pelos fracos, a sympathia pelos bons e o asco pelos máos. Então, surge nalguns a satyra e noutros a maxima. Aquelles são os rebellados, estes os conformados. Nota-se a extensa galeria: Sterne, Dickens, Balzac, Juvenal, Catullo, Mark Twain, Eça de Queiroz, Aretino, Molière, Epicteto, Aristophanes. A qual destes poderemos filiar Alvaro Moreyra? Aos iconoclastas, aos zombadores, aos sardonicos? Não. Encontraremos o seu simile mais proximo si procurarmos aqui mesmo, mais perto: Machado de Assis. De facto, não ha outro espirito em que melhor possamos enquadrar o feitio deste joven pensador. Philosopho, pessimista, é antes humorista á maneira ingleza. E' contido, delicado, commentando as falhas sociaes, não tem o desabrimento de um Rabelais, a mordacidade de um Juvenal, o fatalismo de um Schopenhauer, a maldade de um Aretino. Pelo contrario, é indulgente, tem a piedade christã de um confessor de almas. A sua philosophia póde ser resumida naquellas palavras do "Ecclesiastes": "Tudo no mundo é vaidade!" Mas nem por isso o escriptor maldiz, vocifera contra a organização social. Commenta, sorri, com tristeza. A's vezes, ri, como Heraclyto. Entra numa casa de doidos, encontra lá uma porção de conhecidos e termina encontrando a si mesmo! E todos relatam as suas aventuras, com maneiras risiveis. Uns foram poetas, outros medicos, outros musicos; um é contador de anecdotas, outro é caipora, aquell'outro é collecionador de tolices; este é valentão, aquelle é preguiçoso, um outro flautista. Todos têm cousas immensas a contar. E é uma enfiada de ridiculos. A arte deste moço é triste e bella. E' daquelle genero de Thackeray, de Sterne, de Machado de Assis, que nos faz pensar diante da variedade, do ridiculo humano. Alvaro não desceu ainda tão fundo como esses; o tempo ainda não permittiu. Mas si tiver lazeres e folga, elle vae longe.

E' um observador frio, calmo e seguro. Dentro da sua serenidade, pinta com dois traços um specimen social digno de compaixão, como um boneco de feira. Nesta obra estão compendiados varios seres humanos, vivos, palpitantes.

E' o quadro geral da vida. Si formos observar, como elle, num canto de rua ou num mirante longinquo, o que se nos depara é, de facto, uma serie de bonzos, bonifrates e "clowns", dansando, rindo, pilhereando, representando a farça commum da vida convencional. Mas não supponhamos que nisto está a arte do escriptor. Não. Elle não vê a vida só por este lado. Elle já a cantou pelo prisma do amor e da belleza. Seus versos são sonoros e doces. Denunciam uma alma terna e meiga. O que nos parece é que o artista quiz experimentar o terreno do pessimismo e do humorismo. Conseguiu-o.

Si este livro não é perfeito, si não é ainda a ultima palavra, é, comtudo, uma amostra de grande capacidade psychologica. Aqui, são fragmentos, são quadros ligeiros. Só as grandes obras, as grandes télas vivem e empolgam. Assim, a promessa está feita. Deste livro de miniaturas, de "croquis" para o romance de cos-

LUIZ

O PEQUENO — Que engraçado! Aquella musica tem o nome de Papae: *J'aime!*
O PATO — Ah!

(*Des. de Luiz*)

tume e de caracteres, a distancia não é grande. E facil será ao autor estender mais o passo, fazer o que só um já conseguiu neste paiz, depois de Machado de Assis: Léo Vaz. Parece que o sceptro daquelle mestre será disputado pelos dois jovens que escreveram Do outro lado da Vida e O professor Jeremias.

LINDOLPHO XAVIER.

◇ ◇

EIS AQUI...

Appareceu, ha dois ou tres mezes, nos cordões dos engraxates, e os vendedores ambulantes logo o apregoaram pelo centro da cidade, um folheto intitulado A origem da mulher, *de dois autores, um dos quaes homonymo de um escriptor que não faz folhetos, nem conta a origem de nada...*

Ficou evidente o intuito do cavalheiro teimando em chamar-se tal qual outro já dono de leitores... Mas, não protestamos. Nunca se deve contrariar ninguem... As pessoas, capazes de crêr que pertencem ao escriptor explorado aquellas bobagens, não o preoccupam. As outras desandarão a rir da ingenuidade do explorador...

E póde até acontecer que o numero de louvadores do verdadeiro, cresça por causa da patifaria do falso... e em logares onde elle jámais imaginára...

E' o que nos dá a entender a transcripção do soneto de abertura *do tal folheto no menú do restaurante Brahma:* Isto *encontrou, conforme o dictado, um que o admirasse:*

"ORIGEM DA MULHER

Mãe das mães tu serás eternamente
Do homem sempre forte companheira,
Muito embora que o Deus omnipotente
Te désse o homem como filho a vida inteira

És filho, és mãe, esposa, tudo afinal,
Julgadora dos nossos erros tu serás,
Alma do bem, que outros chamam do mal
Mãe, esposa, eternamente viverás.

Como podias, obra sublime, seres nascida
Da costella do homem que só viveu
Do ideal, da letargia, do hymeneu?

Isso nunca... está errado. Não acredito!...
Essa historia é falsa... Juro por minha vida,
A mulher veiu ao mundo... do infinito!..."

Bem verdade, mestre Renan: só uma coisa existe que póde dar a idéa do infinito: a tolice humana...

SYMPTOMAS

— Eu acho que ella me engana, Bonifacio.
— Mas porquê desconfias?
— Ha dois mezes não me falta um só botão na roupa.

(Des. de J. Carlos)

PENUMBRISMO, GAGAISMO, GUANABARINISMO...

Nada mais interessante que o espectaculo de um escriptor fazendo picuinhas ao publico... Elle torna-se, assim, uma especie de symbolo grandioso e eloquente... Como aquelle que zombou do gigante com uma simples funda... Entre nós temos tido casos assim.

Mas o mais recente é o caso do Sr. Ronald de Carvalho. Os leitores, de certo, se recordam do "penumbrismo" de sua fundação e que pegou moda e visos de verdade... Pois foi blague. *O Sr. Ronald quiz apenas divertir-se com o máo publico... E este, inexperiente, acreditou.*

Agora, o poeta dos "Epigrammas Ironicos e Sentimentaes, diz que não, que pão é pão mesmo, e que ferro é ferro.

O publico, receioso, pensa lá com os seus botões: Será mesmo? E o Sr. Ronald, para fazer o que se chama uma "bagunça", zás! arruma-lhe outra: o "gagaismo". Pegará? Cremos que sim. Porque o "gagaismo" é o succo! porque o "gagaismo" é... é... é... é... o Sr. Oscar Guanabarino!

◇ ◇

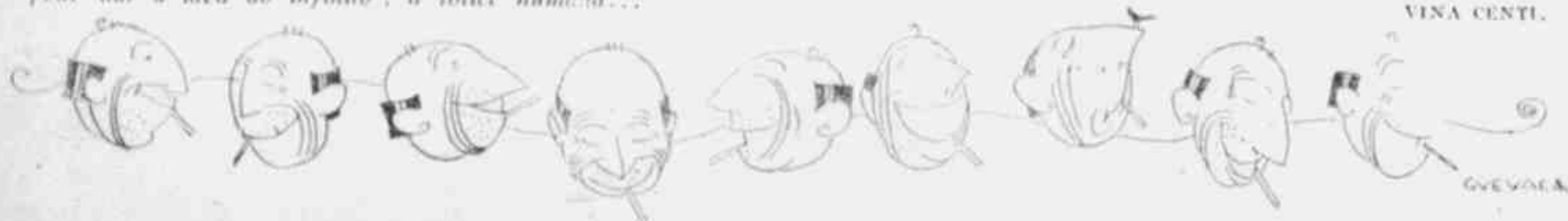
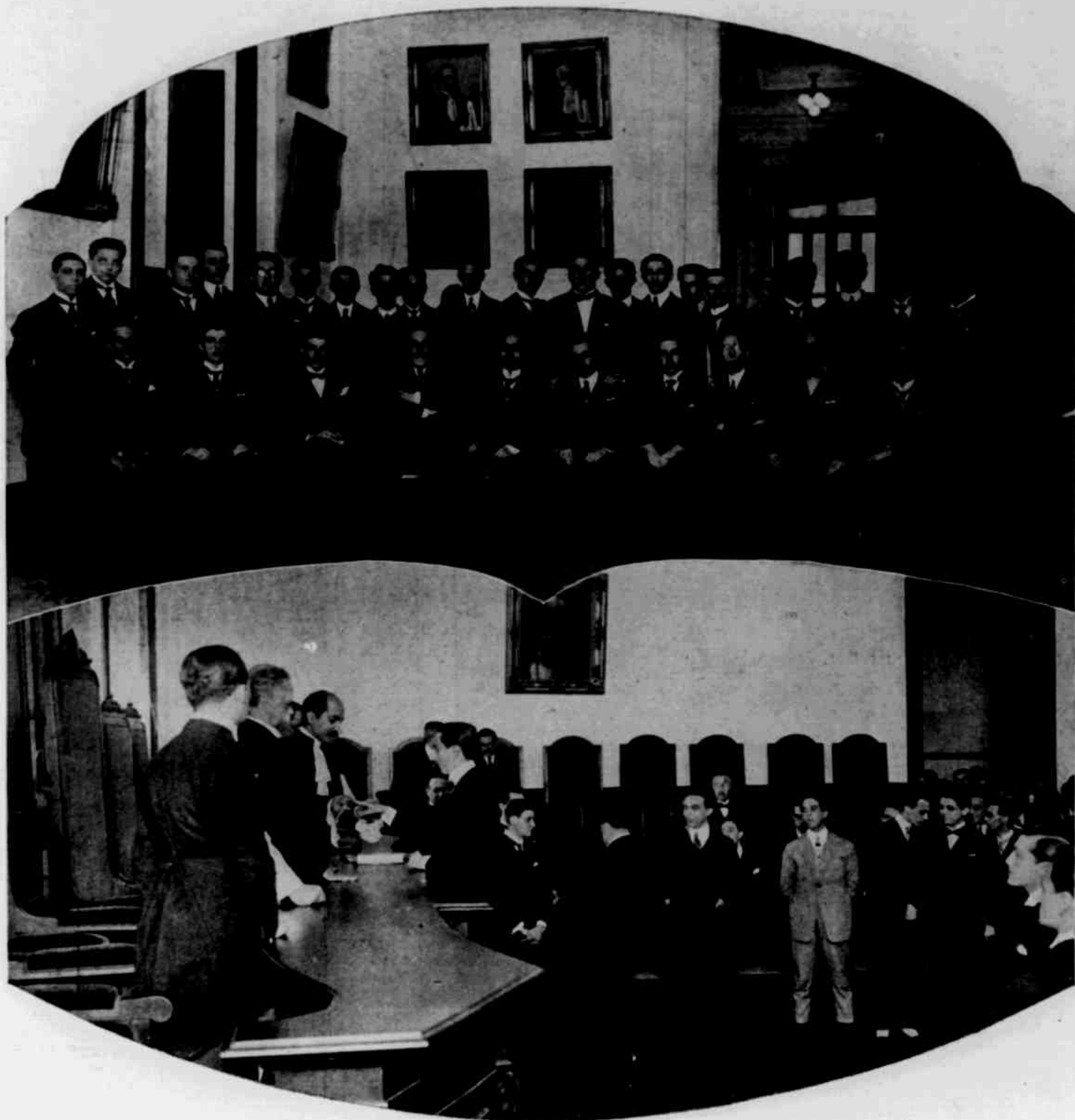
ERA UM POEMA LINDO...

Naquelle dia de inspiração sobrenatural, eu tive a visão do poema que a minha imaginação sentiu com toda a belleza emotiva da vida, com todo o delirio da paixão, com toda a doçura do amor, com todo o deslumbramento da mocidade.

O que um espirito póde conceber de bello, de divino, de grandioso, continha esse romance que coroava de louros o maior, o mais imponente, o mais glorioso dos sentimentos — o amor.

E eu comecei a escrevel-o... Escrevia-o, quando uma rajada cruel arrebatou-me as folhas de papel em que a minha fantasia começava a estampar a sua poesia. E na dôr de vêr destruidos os meus versos, perdi o fio da minha historia... daquella historia que com toda a belleza emotiva da vida, com todo o delirio da paixão, com toda a doçura do amor e com todo o deslumbramento da mocidade, a minha imaginação sentira em um momento de inspiração sobrenatural... E a rajada cruel levou as folhas do meu poema e esfolhou a minha fantasia...

Que pena! Era tão lindo o livro que eu escrevia!...

VINA CENTI.

GUEVARA

Collação de grão da turma de 1922, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

QUE ME IMPORTA!...

Agora passas sempre apressada
E não me afagas nem dizes nada...
Qual foi o crime que eu pratiquei?
Passas tão linda, minha de outr'ora!
Tens algum outro que te ama agora...

Mas... que me importa! se já te amei!

Vaes com certeza servir teus beijos
A algum mancebo de vis desejos...
Hoje, o deboche teu peito aninha!

Nem te recordas que, outr'ora, núa,
Tu me dizias: Vem! que sou tua...

Mas... que me importa! se foste minha!

Nessa tu'alma, louca, inconstante,
Bem sei! não vivo num triste instante...
Cantas, Maldita, ventura infinda!
E emquanto eu choro, gosas, traidora,
Dando teu corpo de peccadora!

Mas... que me importa! se te amo ainda!...

CARLOS ALBERTO.

O cartão de boas-festas de Raul

Os bachareis de 1912, da Faculdade Livre de Direito, com o seu paranympho Dr. Luiz Carlos Fróes da Cruz e o Sr. conde de Affonso Celso, reunidos para um almoço commemorativo de dez annos de trabalhos...

DE MACHADO DE ASSIS

A alma da gente dá vida ás coisas externas, amarga ou doce, conforme ella fôr ou estiver...

A vida, mórmente nos velhos, é um officio cansativo.

Não se perde nada em parecer mão; ganha-se quasi tanto como em sêl-o.

O acaso tambem é corregedor de mentiras. Um homem que começa mentindo disfarçada ou descaradamente, acaba muita vez exacto e sincero.

Ha na vida simetrias inesperadas...

Tambem eu tirei sortes outr'ora. Com pouco se fingia de destino, — um livro, um rimador de quadras e um par de dados. "Se ha de desposar a pessoa a quem ama", dizia o titulo da pagina, por exemplo; deitavam-se os dados, os numeros eram cinco e dois, sete; ia-se á quadra setima, e lia-se. Supponhamos que se lia... Vá, risco a quadra que cheguei a escrever aqui. Geralmente era engraçada, — pelo menos, mas tambem troçava com a pessoa que consultava o destino. Todos riam; alguns criam devéras; em todo caso passavam-se as horas até chegar o somno. E ali vinha este velho camareiro da humanidade, que os pagãos chamaram Morpheu, e que a pagãos e a christãos, e até a incréos fecha os olhos com os seus eternos dedos de chumbo. Agora, meu somno amigo, só tu virás daqui a uma ou duas horas, sem livros de sortes nem dados. Quando muito trarás sonhos, e já não serão os mesmos de outro tempo.

O HOMEM DOS GESTOS HARMONIOSOS

Em toda a agitação popular elle sahia pela rua, escorrendo enthusiasmo, frenetico, vibrante...

Pulava, bracejava, convicto de que imprimia aos gestos nervosos, triumphaes, um tom musical...

Sentia o gesto como um som heroico, guerreiro, berrado pela boca de bronze dum instrumento gigantesco.

Tinha a exquisita impressão de que musicava as suas energias, orchestrava o seu minusculo poderio animal, externando-os, em ondas sonoras e longas, de invencivel masculinidade...

Fazia gosto vêl-o, entre a sua mimica harmoniosa, analysando os acontecimentos do dia, principalmente quando se revestiam de aspectos sensacionaes. Dizia a todos que, neste ponto, era artista e gosava, com requintada esthesia, finissimas emoções...

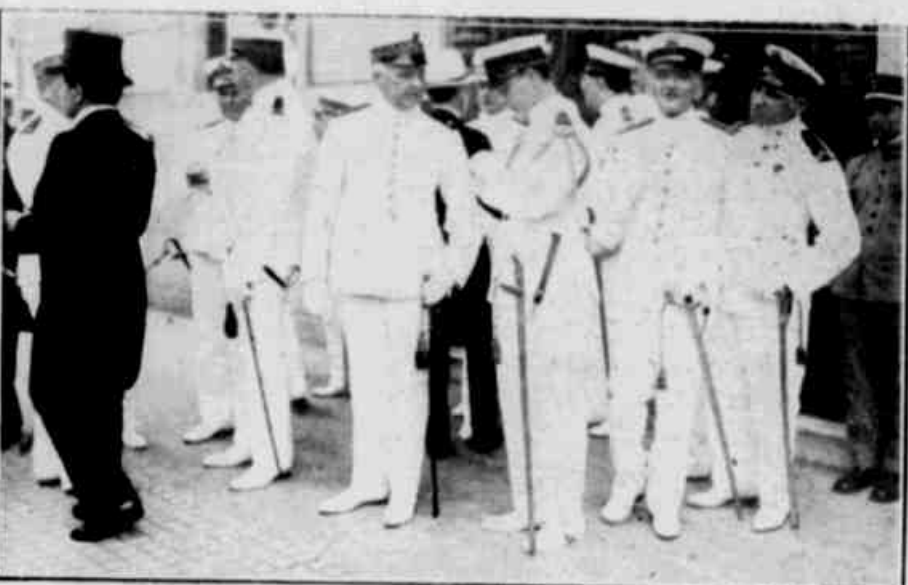
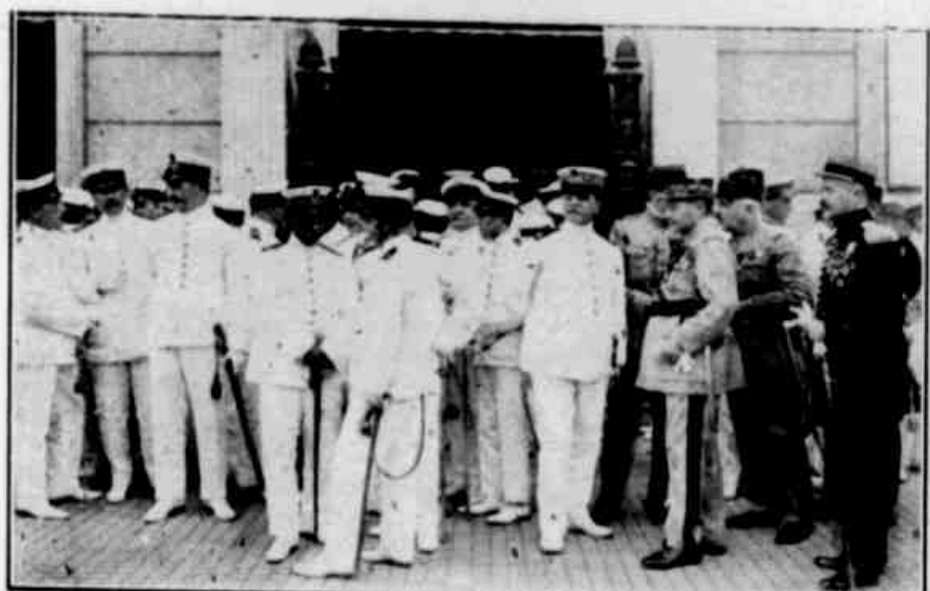
Certa vez, ao commentar um escandalo, não conseguiu sentir a musica dum gesto original, que fizera, e morreu numa agonia cantante, tendo estampada, na physionomia, uma poderosa expressão de ridiculo e de desdem...

Faz hoje um anno, precisamente, que isto se deu.

Entretanto, ainda não consegui saber se aquelle homem era sincero ou se ridicularisava os seus ouvintes...

GARCIA DE REZENDE.

O Sr. Goggiari, ministro do Paraguay
(*Des. de Guevara*)

Dia de Natal, no Palacio das Festas, da Exposição

NO DIA DE ANNO BOM

O Corpo Diplomatico e as classes armadas depois das saudações ao Sr. Presidente da Republica.

Comedias e Comediantes

LÁ POR FÓRA — O theatro, na Polonia, foi sempre muito apreciado, mas a censura politica russa dava-lhe tratos, occasionando pilherias que merecem ser contadas. Em 1860, os dois imperadores, Alexandre II, da Russia, e Guilherme II, da Allemanha, encontraram-se em Varsovia, onde se deu uma récita de gala com o celebre bailado "Robert e Bertrand ou os dois ladrões". A censura cortou "os dois ladrões", com medo das allusões. A palavra "tyranno" era sempre supprimida. Ora, succedeu que um homem perdeu um cachorro que dava por aquelle nome e fez um annuncio offerecendo uma gratificação avultada. A censura trocou o nome de "tyranno" pelo de "fiel", e o pobre homem além de perder o cão, perdeu o dinheiro do annuncio. Agora, depois de proclamada a sua independencia, a Polonia acabou com a censura, o que provocou um verdadeiro enthusiasmo nos autores e no publico. As peças de hoje desforram as do passado, investindo trocistas com os homens publicos e particulares. Ninguem escapa e um dos maiores successos da actualidade é uma comedia de Grzymata - Siedlewski, "A sub - locataria", em que se troça á grande a questão da crise das casas e dos abusos dos senhorios.

Não ha por ahi quem traduza a peça, para arreliar os drs. Tobias cariocas?

■ O critico francez Gabriel Boissy, a proposito de uns ataques á "Comédie Française", escreveu o seguinte: "Os detractores da "Comédie" são, na verdade, duas vezes culpados; primeiro porque, a miude, suas censuras systematicas não procedem por mentirosas, depois porque esse theatro incomparavel é, não sómente capaz de apresentar qualquer obra prima com optimo desempenho, mas de a desempenhar com duas ou tres interpretações differentes". E' sabido que o quadro artistico da "Comédie" é muito numeroso. Cá e lá, más fadas ha.

■ Max Reinhardt, o maior ensaiador da Allemanha, está em Vienna, na Opera, com a sua companhia, representando as obras de Goethe, "Clavigo" e "Stella", de que se havia perdido a memoria e a brilhante peça "Dama Kobold", do grande poeta austriaco Hugo d'Hoffmannsthal, com uma "mise-en-scène" maravilhosa, e como só esse admiravel evocador as póde fazer.

CÁ POR CASA — O ensaiador-alfaiate do Carlos Gomes, vulgo o "D. Juan das Marrequinhas", não admitte bregeirices nas peças, por isso pensa em fazer transformar em vaudevilles "O tributo das cem donzellas" e "Os sete degráos do crime". A empreza Paschoal que, para fazer guerra á parceria, annunciou que nos seus theatros, só se representam agora peças moraes, está de accordo com as idéas do "eterno-amoroso".

■ O homem da "Batalha da Chimera" já concluiu a peça para a segunda refrega, a que deu o titulo "Derradeira partida de Mephistofeles". Só falta quem dê os cobres... para a partida.

■ O Viriato anda doido á procura de um frade que o benza... Os do mosteiro de S. Bento, com medo que a "miudinha" se pegue, nem lhe abriram a porta.

Aquillo no Trianon está mesmo sério. "O tio Salvador" não salvou nada; as vazantes são pavorosas.

■ O "Dr. Mimosa", como o cognominou o Dr. Pinto da Rocha, quiz levar o Christiano no arrastão, para Petropolis, mas os artistas não estão pelos autos.

■ O theatro Carlos Sampaio, no Parque das Diversões, sahiu-nos um theatro Natureza, de saudosa memoria. E' annunciar espectaculo e desata a chover que é um Deus nos acuda!

■ — Ha dez dias que o Claudio deixou de falar dos seus successos no estrangeiro, commentava o Abadie.

— Está ganhando forças para continuar, disse o Gastão Tojeiro.

■ — O João de Talma tem dito "coisas!"

— Sérias?

— Sérias? Isso é pergunta de troça. O homemzinho só sabe metter os pés pelas mãos. A proposito da Isadora Duncan bordou asneiras que lhe valeram o doctorado pelas argolas de Sorocaba.

PARA FECHAR A PORTA — No interior, uma pequena companhia acabava de representar a peça de Pinheiro Chagas, "A Morgadinha de Val-Flor". O actor incumbido do papel de Luiz Fernandes, que o tinha representado mal e sem o saber, no final, avançou ao proscenio e annunciou o espectaculo do dia seguinte:

— Amanhã teremos a honra de representar a admiravel comedia de Molière, "Enganado sem o saber".

— Sem o saber já você representou hoje o Luiz Fernandes, disse um espectador. Não seja mandrião e estude o tal "Enganado", se quer que a gente volte cá.

ZE', FISCAL.

Somos muito gratos a Antonia Denegri pelo cartão de boas-festas que nos mandou. A linda boneca! Só ella não se esqueceu de nós...

CHIN

Palmyra Silva, do Trianon.
(Caricatura de Chin)

Alice Ribeiro, do Theatro Carlos Gomes.

ANNO NOVO! RÉVEILLONS DE 31

No Club de Regatas Guanabara.

Na Avenida e no Palace Hotel.

No Club de Regatas Botafogo

No Club Gymnastico Portuguez

AS TRES

O Araujo enviuvou da segunda mulher que era irmã da primeira. Como se désse bem com ambas, passado o periodo sentimental, enxugou a ultima lagrima e a passo largo foi pressuroso á casa do bis-sogro, pedir a terceira!

Era a ultima.

O velho, que estava no jardim, a receber o fresco da tarde, balançando-se na cadeira vae-vem, encarou-o estupefacto e não se podendo conter, desabafou:

— O' homem de seiscentos diabos, você apostou dar-me cabo da geração?

— Mas, senhor Pires...

— Qual pires nem chicara. Mal esfria uma, já cá o tenho em busca da outra.

— Mas, gosto della...

— Tambem eu gosto da sorte grande e ella não gosta de mim, a prova é que não me vem parar ás mãos.

— Este affecto é permutado. Sua filha está de pleno accordo.

— Não admira. Toda a mulher do que gosta, não é deste, nem daquelle, é do casamento.

— Não é tanto assim.

— E', sim senhor. Querem vida nova, querem experimentar, a ver que tal a sensação, embora seja por pouco tempo, como foram as que você levou.

— O senhor não póde negar que fui marido recto e cumpridor dos meus deveres.

— Não precisa gabar-se. Isso ninguem deixa de reconhecer.

— Já vê...

— Não estamos tratando disso, nem estou a dizer o contrario.

— Um esposo na regra: — extremoso, constante...

— Lá quanto a constante, até de mais. Deu fundo neste porto e não quer largar o ancoradouro.

— Não esperava ser recebido assim.

— A s s i m como?

— Com tanta aspereza e tantas considerações, que equivalem a quasi uma recusa.

— Não tenho tranca nem cadeado na lingua. Sou franco. Digo o que penso, o que tenho na vontade e não lhe estou a recusar nada. Mal por mal, antes você que já é conhecido, do que outro que se apresente sem se saber donde vem, nem que apito vae tocar.

— Mas, então...

— Está seguro de que ella autorisou-o a sério?

— Estou, sim senhor.

— E tem certeza de que gosta della?

— Se não tivesse não me apresentava aqui.

— Pois então, meu amigo, eu fico como Pilatos no Credo: lavando as mãos. Depois não se queixem. Leve mais esta e se ella se acabar, como se acabaram as outras, não tenha acanhamento, volte e venha tambem buscar a mãe...

JOTA SO'.

ROBERTO GOMES, *tão fino, tão bom, que realisou na vida aquella pobre verdade de La Fontaine: "Os delicados são infelizes..." e que, com um tiro no coração, poz termo ao seu destino na ultima noite do anno velho. São delle estas palavras:*

"A vida não é tão generosa como pensas, nem nos concede o triste consolo das lagrimas eternas. Quando uma dôr profunda nos attinge e nos fére, julgamos, ingenuos e presumpçosos, que lhe não poderemos resistir, e entre clamores e soluços, chamamos por uma morte que tarda muito em vir! Mas os dias passam, e a vida que nos opprimia começa a ninar-nos... Implaccavelmente terna, ella derrama nas nossas sangrentas saudades o balsamo do olvido. As lagrimas perdem o seu aspero sabor, cicatrisam as feridas mais fundas, esmaecem os mais agudos desesperos. Lentamente, sorrateiramente, com gestos cautelosos e sonsos, a vida nos entorpece e nos vae pouco e pouco reconquistando. As semanas, os mezes, os annos, deslisam rapidos e silenciosos, e um dia verificamos com um sorriso um pouco melancolico, que estamos vivendo... oh! não com a alma festiva, mas resignamo-nos a viver, um pouco no presente, muito no passado, gosando as migalhas de prazer que a vida parca nos dispensa, fazendo os mesmos gestos de todos e procurando compensar, com uma multiplicidade de minusculas venturas, a ventura immensa perdida! Não se morre de dôr..."

PEQUENA EXPLICAÇÃO

Roberto Gomes pertencia á intimidade desta casa. Ainda nas "Footingações" deste numero, impressas a semana passada, ON escreveu o nome delle. Não foi possivel, depois, retiral-o.

TERRA CARIOCA

O CAMPO DE SANT'ANNA

Andava pelo ar, nos ultimos dias do anno do Centenario, uma preoccupação: a de devassar as nossas tradições mais caracteristicas. Já perdemos o terraço do Passeio Publico, tão evocador e poetico; o gradil do mesmo jardim, por sua vez foi retirado para gaudio dos motoristas desabusados; as moitas de verdura que tão pittoresco aspecto apresentavam aos olhos do publico, desappareceram; as arvores foram derrubadas sem a menor consideração, impiedosamente, como se fossem nocivas ao bem estar do publico. O lendario Castello desfaz-se em lama para entupir e quebrar a sinuosidade caprichosa do mar e do resto de praia, que havia em Santa Luzia. As nossas Igrejas são raspadas sem a minima parcella de respeito pela arte do passado. Os arcos que ligam o morro de Santo Antonio ao de Santa Thereza, perigaram, quasi foram victimas da mania de destruição: felizmente, ficou na idéa, o tal alargamento para dar passagem a automoveis e a viandantes... O magnifico parque que origina esta chronica, tambem, por diversas vezes correu o risco de ser mutilado: a primeira vez foi por causa do Senado, que a viva força quizeram plantar no meio do jardim, quebrando completamente o encanto da grande praça existente; ultimamente, falaram em arrancar-lhe o gradil que o circumda. Felizmente os protestos surgiram a tempo e não se falou mais nisso. Provavelmente, o silencio vae ter o mesmo resultado que teve quando pensaram retirar as grades do Passeio: será mais uma simulação... Um bello dia amanhece o vandalismo iniciado, e o parque ficará entregue ás maltas de desoccupados. Allegam os adeptos dos jardins sem grades, que no estrangeiro a maioria dos parques são abertos completamente, não possuem grades nem obstaculos que impeçam a entrada do povo depois de certas horas da noite; esquecem-se porém, que lá, as leis merecem o maximo respeito das populações; entre nós, acontece justamente o contrario. Si prohibem que se transite sobre os grammados, é quando temos mais vontade de fazel-o; transgredimos as mais severas disposições regulamentares, sem nos importarmos com os resultados pouco abonadores dos nossos costumes.

Planta do Campo de Sant'Anna.

Depois de qualquer festa, os grammados dos jardins abertos ficam completamente depredados, parecem victimas de uma horda de barbaros! Ficam de tal maneira espatifados, que é preciso serem novamente feitos. Assim tem acontecido aos jardins do Rocio, da Praça 15 de Novembro, Praça 7 de Março, Praça Saenz Peña e Praia de Botafogo; e assim acontecerá com o soberbo Campo de Sant'Anna, no dia em que as grades forem retiradas...

O Campo de Sant'Anna foi inaugurado com grande solemnidade a 7 de Setembro de 1880; a sua construcção foi confiada ao Dr. Glazion, notavel architecto paizagista e botanico de raro merito, pelo Dr. João Alfredo, ministro do Imperio; sendo as suas obras custeadas pela Camara Municipal. O bello jardim, no dizer de Vieira Fazenda, é o "desmembramento do antigo campo da cidade, campo de S. Domingos, campo de Sancta Anna, campo da Honra, campo da Acclamação, hoje Praça da Republica.

Nos primeiros tempos da cidade, a zona que se estendia da rua, hoje Uruguayana (antiga da Valla e antes Pedro Costa), para o interior, era vagamente conhecida como se vê de documentos antigos, por sertão. Na direcção da Rua da Alfandega, (antiga do Governador), existia um sinuoso trilho — o caminho de Capueruçú, o qual se dirigia a buscar a lagôa da Sentinella, e ia ter ás propriedades dos jesuitas, sitas no Engenho Velho, que faziam parte da grande sesmaria por elles obtida em 1567 de Estacio de Sá, e anterior á da Camara Municipal".

A Cascata.

Ainda com referencias á origem do Campo, escreveu, em 1896, o erudito conhecedor da nossa cidade: "Não escrevendo para os eruditos, mas para leitores que não pódem fazer acquisição de obras caras e muito raras, nem frequentar as bibliothecas, cumpre-nos dizer que a idéa de ajardinar o Campo de Sancta Anna cabe a Paulo Fernandes Vianna, o qual, em frente de seu pa-

Uma alameda.

Inspectoria de Mattas.

lacete, na esquina da rua hoje Frei Caneca (antes Conde d'Eu, Conde da Cunha e Quebra Canellas), no edificio onde esteve a Camara Municipal, mandou fazer um pequeno jardim que se estendia até a frente da Rua do Alecrim, occupando o espaço onde estão hoje o antigo Museu e as casas dos Araujos.

Esse jardim era um logar de passatempo para os nossos avós, mas foi destruido pela prepotencia de Pedro I, o qual, não vendo com bons olhos o valimento de que dispunha junto de D. João VI o prestimoso Paulo Fernandes, logo que em 21 de Abril de 1821 regressou o velho rei para Portugal, veiu ao campo e destruiu o jardim, ajudado por operarios do Arsenal."

As diversas chrismas por que tem passado o pittoresco recanto, prendem-se a acontecimentos de valor historico: o nome de "Sant'Anna", prende-se á visinhança existente, outr'ora, no tempo colonial, com a Igreja de Sant'Anna, localisada onde hoje está a estação Central do Brasil; o de "Acclamação", tem ligação com a acclamação do primeiro imperador do Brasil, ali effectuada; a designação de "Campo da Honra", veiu por occasião dos acontecimentos de 7 de Abril de 1831; e finalmente, em 1889, tendo sido scenario da proclamação da Republica, passou o campo a chamar-se Praça da Republica; o povo, porém, numa teimosia curiosa, continua a denominar de Sant'Anna o bello jardim.

A sua superficie é de 214.830 metros quadrados, é circumdado por um gradil de ferro de 2 m,30 de altura e possue quatro entradas. As suas ruas são macadamisadas, occupando 43.522 metros quadrados, os seus bosques e grammados estendem-se por uma superficie de 85.587 metros quadrados; coqueiros, palmeiras, oytis, malvaceas, dracenas, amendoeiras e crotons enriquecem as suas alamedas; nos lagos, uma quantidade consideravel de peixes vermelhos proliferam, cysnes de linha elegante cortam as suas aguas tranquillas, como animados flócos de algodão...

Pelos grammados, pequenos animaes, aves de plumagem magestosa, vivem perfeitamente irmanados como uma grande familia. Dentro do jardim está a famosa cascata, onde permanentemente corre agua fresca; o seu interior rochoso, cheio de estalactites gottejantes impressiona agradavelmente o visitante. Obras de arte enriquecem o ambiente, já naturalmente formoso: são estatuas modernas em marmore e o grupo de Desprês, representando uma luta entre um homem e um tigre; é o grupo um bello specimen de arte, cheio de um sentimento especial. O Campo de Sant'Anna, independentemente da sua belleza, é um dos maiores que se conhecem. Facil é verificar a nossa affirmativa: a Praça Kleber, em Straburgo, tem 11.000 m²; a Praça S. Marcos, em Veneza, 12.000; o Trafalgar Square, em Londres, 20.000; S. Pedro, em Roma, 21.000; a Praça do Hippodromo, em Constantinopla, 25.000; a Praça Augusta de Leipzig, 27.000; Waterloo, no Honover, 60.000; a Praça da Concordia, em Paris, 89.000; a Praça do Hotel de Ville, em Vienna, 90.000; a Praça Real, em Berlim, 100.000; e o Campo de Marte, em Paris, 112.000; isto é, menos 102.800 m² que a Praça da Republica. E é por isso que os patriotas acham que no Brasil não temos nada que preste...

Recanto do Campo de Sant'Anna.

O Campo de Sant'Anna tem sido scenario de acontecimentos populares; é o ponto escolhido para as festas de caridade, onde dezenas de milhares de individuos concorrem. Batalhas de flores, com extraordinario exito, foram nelle effectuadas, concursos caninos tiveram logar nas suas alamedas; as ascenções aereas do celebre "Ferramenta" foram, tambem, levadas a effeito no pittoresco campo, ascenções estas arriscadissimas, que chamavam o Rio de Janeiro em peso a assistil-as. Nos seus lagos, um illustre official da nossa marinha de guerra — infelizmente não nos occorre o seu nome — realisou interessantes experiencias de um submarino de sua invenção; era um prazer ver-se a pequena machina de guerra evoluir, obedecendo cégamente aos desejos do seu inventor, isso ha mais de vinte annos, se não nos engana a memoria.

Janeiro, 1923.

ERCOLE CREMONA.

O grande amador

(THE GREAT LOVER)

Film Goldwyn — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Jean Paurel. . . .	JOHN SAINPOLIS
Ethel.	CLAIRE ADAMS
Sonino.	John Davidson
Bianca.	Alice Hollister
O emprezario. . . .	Lionel Belmore
Sabotini.	Mme. Rose Dione
Ward.	Richard Tucker
Potter.	Tom Ricketts
O doutor.	Frederick Vroom
A secretaria do emprezario. . . .	Alice Corey

OPINIÕES DA CRITICA

Produz uma grande impressão esse film.

Morving Picture World.

Esplendida adaptação da peça theatral de Leo Diedricksen.

Exhibitor's Herald.

Drama de interesse absorvente.

Exhibitor's Trade Review.

— Em que pensas, Ethel? — perguntou Carlo Sonino, approximando-se da amurada do navio. A moça teve um pequeno sobresalto, como quem é bruscamente despertado no meio de um sonho. Mas logo sorriu, reconhecendo aquelle que a interrogava.

— Pensava no triumpho que obteria se conseguisse cantar com Jean Paurel.

— Jean Paurel... sim, cantar com elle é triumphar. Mas toma cuidado, minha querida; Paurel faz pagar bem caro a satisfação desse triumpho...

Ethel não respondeu. Comprehendera o ciume que o nome do famoso barytono despertára no coração do rapaz. A fama que cercava o grande cantor corria mundo e, com ella, o éco das suas innumeras aventuras galantes. Carlo Sonino amava-a e temia perdel-a.

— Louco! — murmurou ella, sorrindo-lhe.

Poucos dias depois, desembarcavam em New York. Ambos sentiam um prazer intenso em revêr a grande cidade que lhes servira de berço e que seria, assim o esperavam, o theatro dos seus triumphos futuros.

Era tambem a esperança de Bianca Sonino, mãe de Carlo: vêr o filho obter os applausos dessa platéa exigente, habituada a ouvir os maiores cantores do universo, e cuja consagração bastava para a gloria. Antiga cantora, a ella lhe fôra negada essa consagração, não que lhe faltasse merito para obtel-a, mas porque se retirára do palco para dedicar-se, inteiramente, á educação de Carlo, do fruto unico do seu amor desgraçado, do filho de Jean Paurel. Jean Paurel não era então, quando o amara, o grande cantor, mas o principiante que ensaiava os primeiros passos na senda que o havia de conduzir á celebridade; porém, era já o grande seductor, amando a todas e amado de todas as mulheres. Entregára-lhe o seu coração virgem e confiante. Amara-a elle? Sim, assim o acreditava; iam casar-se quando ella o surprehendera nos braços de Quilia Sabotini, uma cantora italiana. Nunca mais o vira. Abandonára o palco para não o encontrar e á mulher que lh'o roubára. E fôra esconder-se de todos com esse filho, trabalhando para educal-o e fazer delle um grande cantor. Conseguira-o: Carlo Sonino, aos vinte annos, possuia a voz fresca e poderosa, cujo timbre sonoro lembrava a voz de Paurel quando moço. Com essa voz quem não venceria? O filho estava destinado a substituir o pae. Conseguira um contracto na Opera: devia estudar os papeis de Paurel, afim de substituil-o em caso de impedimento.

Quanto á Ethel, os applausos que recebera nas grandes cidades da Europa garantiam-lhe a consideração dos emprezarios. Isto, entretanto, não a satisfazia. A idéa fixa que trouxera do velho mundo era cantar com Paurel, participar dos seus triumphos, receber o seu quinhão dos applausos enthusiasticos que lhe concedia a sociedade new-yorkina. Cantar com Paurel, nada mais facil, nada mais difficil. Nada mais difficil para quem se dirigisse aos directores da Opera, para os quaes cantar com o grande barytono só o poderia fazer quem possuisse um nome feito no theatro. Nada mais facil para quem, possuindo um lindo palmo de cara, se dirigisse, directamente, a Paurel.

Disto teve Ethel a prova. Henry Stapleton, director da Opera, negou-se a attendel-a quando ella lhe foi solicitar um papel ao lado de Paurel. Este, todavia, encantado com a belleza da moça, não descançou emquanto não a viu inscripta.

Ethel não cabia em si de contente. Era a realização do seu sonho mais caro, o triumpho, a celebridade.

Na noite da primeira representação, o theatro achava-se repleto.

Quando Paurel appareceu no palco e começou a cantar, uma expressão de assombro e de decepção passou pelos rostos dos espectadores. Paurel não era mais o mesmo cantor. Poupava os agudos, via-se que não confiava mais naquella voz que o levára á celebridade. Ao cahir o panno, Paurel retirou-se, furioso, para o seu camarim. E mais furioso ficou ao ouvir o director dizer-lhe:

— Não se afflija, meu amigo, Sonino está prompto para tomar o teu logar se não puderes continuar.

— Nunca cantei tão mal! — exclamou elle, atirando-se sobre uma poltrona.

Ethel entrou, neste momento. Affligira-a o desgosto de Paurel. Era-lhe grata pela bondade com que elle a tratára desde que a vira. Quanto a Paurel, sentira-se tocado por essa jovem e amava-a, não com esse amor passageiro, que lhe mereciam todas as mulheres, mas com um amor verdadeiro e apaixonado.

Ao vel-a entrar, elle correu para ella e tomou-lhe as mãos entre as suas.

— Ethel, — disse — bem sabes que te amo; por que não consentes em casar commigo?

— Eu tenho muito pezar em não acceitar, pois Carlo Sonino e eu...

Elle deixou cahir os braços e baixou a cabeça. Ethel ia para sahir, quando a porta escancarou-se e Sonino entrou. Vinha pallido e mais pallido se tornou ao encontrar Ethel. Ao passar diante do camarim de Quilia Sabotini, esta chamara-o e, com um olhar maldoso, fixo nelle, dissera-lhe:

— Ainda gostas da senhorita Ethel? Pois não vês que estás perdendo o

Não se afflija, meu amigo. Sonino está prompto...

Sonino não se conformava com a resolução de Ethel.

tempo? Agora mesmo, ella está no camarim de Paurel...

Elle não a deixára terminar. Mettera o hombro a porta, que, aliás, estava apenas encostada e ali encontrou, de facto, Ethel.

— A Sabotini tem razão, — exclamou, dirigindo-se a Paurel. — O senhor está compromettendo a senhorita Ethel.

Paurel ia responder, porém Ethel interrompeu-o.

— A minha reputação não está nas mãos de uma Sabotini, — disse ella. — O senhor Paurel tem sido tão bom para mim quanto os outros são invejosos e mesquinhos.

— Mas Ethel — murmurou Sonino, em voz baixa, — tu estás para casar commigo. Paurel pensa, apenas, nos seus prazeres...

— Ah! tu pensas assim? Pois aqui tens a minha resposta. Senhor Paurel, pediu-me ha pouco para consentir em ser sua esposa, não é assim? — disse ella, voltando-se para o cantor. — Póde annunciar o nosso casamento.

Sonino cambaleou como um homem embriagado, e, logo, como um louco, precipitou-se para fóra.

Approximára-se o termo do intervallo. A indisposição de Paurel era mais grave do que julgavam todos. Depois de uma discussão exaltada com Sabotini, o famoso barytono ficou impossibilitado de cantar. Recolhido no seu camarim, elle ouviu Sonino cantar em seu logar. Ouviu as acclamações que recebia e não poude deixar de achal-as merecidas.

Sonino triumphára immediatamente. No final do acto ouviram-se vozes que gritavam:

— Morreu o rei... Viva o novo rei!

Era a consagração. Paurel reconheceu que esse rapaz, muito mais moço, acabava de conquistar o seu logar. Nunca mais poderia recuperal-o. Mas, para consolal-o, restava-lhe Ethel. Uma vez casados, iria refugiar-se com ella em algum canto da Italia, sua patria, para gosar a felicidade que lhe daria o amor.

Passaram-se alguns dias. Ethel arrependia-se do passo precipitado que déra, levada pelo despeito. Não podia deixar de amar a Sonino. Não se atrevia a pedir a Paurel que a desligasse do compromisso tomado, temendo augmentar-lhe a dôr que lhe causára a perda da voz.

Sonino, por sua vez, não se conformava com a resolução de Ethel. Dissera-lhe:

— Não permittirei que sacrifiques a tua vida, a tua felicidade a um falso sentimento de dever.

Mas sentia-se impotente para obrigal-a a fugir ao sacrificio.

— Não te afflijas, meu Carlo, — dizia-lhe Bianca. Deixa isso ao meu cuidado.

Um dia, estava Paurel a conversar com Ethel, quando o creado annunciou uma senhora. Ethel retirou-se para um aposento contiguo; Paurel levantou-se para receber a visitante. Esta entrou; trazia o rosto coberto por um espesso véo, que lhe occultava as feições.

— Senhor Paurel, — começou ella. — E' uma mãe afflicta que vem supplicar uma palavra dos vossos labios para que seu filho possa ser feliz.

— Diga, minha senhora; — Jean Paurel está ás suas ordens.

— Não é a Jean Paurel que peço isto, é a Giovanni Ubriacco.

— Giovanni Ubriacco! Ha vinte annos que deixei esse nome. Quem é a senhora para conhecel-o?

Ella contentou-se em levantar o véo.

— Bianca! — exclamou elle.

— Sim, Bianca. Se lhe mereço alguma coisa, conceda-me o que vim pedir-lhe. Carlo Sonino e Ethel Warren eram noivos antes de o conhecerem e amam-se ainda. Desligue-a do compromisso que tomou para comsigo.

— Mas...

— Quer saber porque me interesso por elles, não é? Carlo Sonino é meu filho...

— Seu filho?!... Mas, então...

Não terminou. Comprehendera. Ella continuou:

— Tu tens esmagado dezenas de corações pela tua ambição, pelos teus prazeres. Sacrificarás tambem a felicidade de dois jovens só porque temes passar a tua velhice na solidão?

Paurel não respondeu. Deixou-se cahir em uma cadeira e escondeu o rosto entre as mãos. Bianca esteve a contemplal-o alguns instantes; depois, com um suspiro, retirou-se.

Quando Ethel voltou á sala, encontrou ainda Paurel na mesma posição. Ao ouvir-lhe os passos, elle passou a mão pelos olhos, como se accordasse de um profundo somno, e levantou-se.

— Acabo de receber noticias de Sonino, — disse elle, — observando o effeito que produziriam as suas palavras.

A anciedade que se pintou nos olhos de Ethel era a resposta mais eloquente á duvida que ainda lhe restava.

— Então é verdade que o amas e que queres casar commigo apenas por piedade?

Ella baixou os olhos, confusa.

— Vae, querida, não quero que faças esse sacrificio. Eu já vivi a minha vida. Tu tens ainda a tua para viver. E' este o primeiro sacrificio que eu faço. Alegro-me porque é por ti.

E, como Ethel permanecesse de olhos baixos, como envergonhada, elle passou-lhe o braço pela cintura e, levando-a até a porta, concluiu:

— Adeus, dize a Sonino que deve ser muito bom para ti porque Paurel lhe devolve a mulher que elle ama.

Não é a Jean Paurel que peço isso...

Sem pensar nas consequencias

(NICE PEOPLE)

Film Paramount — Producção de 1922

Direcção de William de Mille

DISTRIBUIÇÃO

Billy Wade.	Wallace Reid
Scotty Wilbur. . .	Conrad Nagel
Theodora Gloucester	Bebé Daniels
Hallie Livingstone. .	Iulia Faye
Margaret Ramsford.	Claire McDowell
Oliver Comstock. .	William Boyd
Robert Gloucester. .	Edward Martinclei
Eileen Baxter Jones	Eve Sothern
Trevor Leeds. . . .	Ethel Wales
Viuva Heifer. . . .	Bertram Johns

Ser *chic* era a unica preoccupação daquellas doudivanas. E si se lhes perguntasse o que é "ser *chic*", responderia naturalmente que era viver na companhia de typos como Scotty, para quem "o homem se conhece pela elegancia das botas", que era passar os dias na ociosidade e as noites nos *dancings* e *cabarets*, entre os vapores da champagne e do *flirt*, na mais completa liberdade de maneiras e de vestes. Foi esta a especie de "gente *chic*" em que Billy Wade encontrou transformadas suas antigas camaradas — Theodora Gloucester (Teddy), Ambe Frothingham (Frothie) e Hallie Ames — mas principalmente Teddy, ao regressar do Rheno, onde estivera durante 3 annos, como parte das forças americanas. Penetrando naquelle circulo, que naquella noite havia escolhido o famoso *cabaret* Purple Peacock para campo de acção, Billy sentiu um profundo mal-estar. A' vista daquellas mulheres frivolas e numa ostentação de nudez quasi impudica, Billy experimentou horrivel impressão de desgosto, elle que vinha das graves e meditativas visões de campos semeados de cruzes, de paizagens devastadas pelos obuzes e cidades destruidas pelas granadas. Teddy notou a severidade da tristeza com que Billy olhou para as suas pernas em franca exposição e disse-lhe com ironia:

— Sinto muito não merecer a sua approvação, mas espero que o senhor não me vá pregar os mesmos sermões de tia Margarida e de papae.

Billy não achou que a *boutade* merecesse resposta. Aquelle mundo em frenesi aturdia-lhe o espirito e elle não queria ser ali sinão um simples espectador, completamente alheio ao festim.

Teddy tentou arrastal-o á dança, mas Wade recusou, deixando-se ficar á mesa, emquanto ella nos braços de um dos seus pares habituaes misturava-se á multidão que se agitava grotesca e automatica aos guinchos do saxophone. Mas num dos intervallos dessas excursões, quando Teddy, fatigada deixava-se cahir numa cadeira ao lado delle, Billy sussurrou-lhe ao ouvido:

— Sabe que pensei muito em você nestes ultimos annos?

Teddy fitou-o e, por um instante, os seus olhos se adoçaram, mas, accendendo um cigarro, ella replicou, atirando uma baforada ao rosto do rapaz:

— O senhor e tia Margarida parecem-se em muita coisa.

A resposta teve o inesperado effeito de encorajal-o, e Billy tentou induzil-a a ir-se daquelle logar, que não era para ella. Teddy riu, escarneceu com cynismo do conselho e Billy sentiu que não tinha mais forças para supportar aquelle meio de mal disfarçada depravação. E Billy partiu, deixando o alegre bando a divertir-se com a sua declaração de que ia comprar uma fazenda, por isso precisava habituar-se a não perder noites e a levantar-se cedo.

A's 2 horas da madrugada elles resolveram tambem levantar acampamento, e, emquanto seus companheiros discutiam sobre qual o outro *cabaret* em que deviam ir passar o resto da noite, Teddy tomou á parte Scotty, propondo-lhe uma excursão de automovel fóra da cidade. Ella queria chegar á casa só no dia seguinte, declarava ao rapaz, para mostrar aos que viviam a apoquental-a, que ninguem a faria differente do que ella queria ser. E, ao lusco fusco da manhã rodavam em pleno campo, com as idéas, então, mais refrescadas da noite de extravagancias. A certa altura Scotty parou o carro, consultando-a si já não era tempo de voltarem.

Sua ausencia causaria inquietação em casa. Mas a joven bateu o pé: si elle tinha medo de se comprometter, que voltasse, ella iria passar o dia na casa de campo do pae, que ficava naquellas immediações. Descansaria e regressaria á tarde. A sua ausencia lhe proporcionaria coisas para contar aos curiosos que lhe fizessem perguntas.

— Terei um passado! Sempre desejei ter um passado, Scotty, — dis-

Sempre desejei ter um passado, Scotty...

se-lhe ella na mais perfeita inconsciencia da sua leviandade.

Na quinta não havia inguem, mas Teddy encontrou meios de arranjar um almoço de que ambos participaram na mesa da cosinha. Terminada a refeição, sahiram a explorar as depen-ciparam na mesa da cosinha. Terminada a refeição sahiram a explorar as dependencias da herdade, foram ao jardim, mas nada daquillo interessava a Scotty, que confessava sinceramente que a "Natureza nunca se casára bem com seu espirito". E o resto do dia correu moroso e estupido; elle a dormitar francamente pelos cantos e ella com o espirito alheio, ausente, num ara de grande enfado. Era curioso. Como tinham pouco a se dizer aquellas creaturas, sem o estimulante do alcool e das luzes nas salas estrepitosas... Daquella monotonia veio despertal-os um subito rumor de trovoada. Teddy saltou e quiz partir immediatamente. Era tarde, porém. Já as primeiras gottas de chuva cahiam, acompanhadas de trovões e relampagos que cortavam o céo coberto de nuvens negras. As trevas enchiam a casa e Teddy tiritava de frio na sua toilette de *soirée*. Foi nessa occasião que ella se sentiu de repente agarrada por Scotty. Debatendo-se ella o interpellou:

— Você está louco?

— Sim, louco por você, respondeu elle. Quer, então, fazer-me de idiota? Si você fosse honesta não vinha aqui sosinha commigo.

Teddy comprehendeu então, toda a gravidade das suas imprudencias. Procurando desprender-se dos braços do homem, em cujos olhos chammejava a ferocidade do desejo, a moça, percebia com horror que ia desmaiar, quando, sentiu, ex-abrupto, afrouxarem-se as garras que a estrangulavam, e, junto della, de punhos erguidos e cerrados, com a face livida Billy Wade, que com voz de mal contida raiva se desculpava:

— Peço perdão de me haver intromettido. Parei aqui para me abrigar da tempestade e pareceu-me que necessitaveis de auxilio.

Teddy teve, então, uma forte crise de hysterismo. Revoltou-se contra Billy, que pensára mal della, injuriou-o, acabou atirando-lhe uma bofetada. Billy, perplexo, a seguia com os olhos, ao passo que ella se afastava, subindo a escada do andar superior e, quando se viu livre, soltou uma gargalhada. E dizer que era aquella a creatura, por quem elle se deixára tomar de amores!... Não podendo sahir por causa da tempestade, o rapaz acabou por adormecer ali mesmo na sala. Já rompia a manhã, quando elle se sentiu despertado pelo fonfonar de um automovel, ao mesmo tempo que alguem lhe tocava no hombro. Era Teddy, que lhe sussurrou ao ouvido:

— Meu pae e minha tia chegaram! Mettime numa horrivel complicação e não quero ver-vos comprommettido. Parti.

Billy deixou-se conduzir para uma porta dos fundos da casa, e da varanda externa ouviu toda a tempestade de recriminações á rapariga.

A Sociedade recebeu com incredulidade a noticia de que Teddy Gloucester havia tomado a resolução de viver no campo, realizando a vida de agricultora.

Ella tinha dado que falar de si mais de uma vez pelas suas excentricidades, mas essa de ir plantar couves e crear gallinhas era forte de mais! Mas a explicação não tardou. Disso se encarregou a sua antiga camarada de bohemia elegante, Hallie, certa tarde, no Club, insinuando que Teddy fôra encontrada com um homem na quinta do pae, no dia seguinte á noite em que haviam estado do "Purple Peacock". E a narrativa promettia tornar-se interessante para o auditorio, quando o rumor de cadeiras que se arrastavam violentamente ao

Billie sentiu um profundo mal estar...

Teddy encontrou meios de arranjar um almoço...

lado cortou a conferencia de Hallie. Voltaram-se todos os olhares e viram Scotty e Billy Wade que se defrontavam, fitando-se. Scotty rompeu, então, e silencio:

— Sinto-me mal ouvindo-os falar de Teddy! Quem são vocês, pobre gente? Ouçam bem o que lhes vou dizer, são duas coisas apenas: uma é que eu pedi Teddy em casamento e ella me recusou; outra é que si eu ouvir alguem proferir infamias contra ella, si fôr homem, ensinal-o-ei a ser mais polido, si fôr mulher lhe direi que a maldizente tem corrido todos os bailes deste inverno sem encontrar um par para o seu nome.

As palavras de Scotty gelaram o auditorio. Billy não pronunciou palavra, mas a expressão da sua physionomia era horrivel. E ao se afastar daquelle máo logar, as palavras de Scotty cahiam-lhe n'alma como um balsamo sobre antiga ferida. Billy recordava-se tambem do que lhe dissera Teddy da ultima vez que a visitára na quinta:

— E' curioso, — dissera-lhe a joven — mas é muito mais interessante cultivar beterrabas e rabanetes do que cultivar o mal! Estaria, de facto, definitivamente morta a Teddy dos outros tempos? E si lhe desse a nostalgia dos *dancings* e dos *jazz-bands?* Foi com o espirito preoccupado por estas interrogações, que, á tarde, Billy, mettido nas suas roupas grosseiras de camponez, penetrou no jardim da casa de Teddy, avistando-a, em trajes de trabalho, a cuidar dos seus porquinhos. Billy dirigiu-se para ella e depois de algumas palavras de puro estylo, tomou-lhe as mãos, murmurando:

— Teddy, minha querida! A moça que palestrava, rindo, tornou-se seria, olhou-o demoradamente e, depois de um silencio, perguntou com uma grande ternura na voz:

— E' verdade Billy? E como o rapaz fizesse com a cabeça que sim, ella ajuntou:

— Estou vendo que você, que tudo fez para não pensar mais nessa coisa, conseguiu admiravelmente o seu intento...

— Fui um presumpçoso, meu amor, você é a mais preciosa, a mais encantadora, a mais digna de todas as mulheres, disse elle, pondo os seus nos olhos de Teddy, que tremeluziam como lampadas de felicidade.

Sabe que pensei muito em você, nestes ultimos annos?

PGP 2563

Foi essa a especie de gente chic em que Billy encontrou transformados os velhos camaradas.

BEBE DANIELS, annos atraz, foi pedir, no antigo Theatro Belasco, que lhe déssem um papel de menina na peça *The squaw man*, na qual trabalhava Lewis Stone no papel principal. Acceitaram-n'a, e agora, pela primeira vez, depois deste dia, ella volta a trabalhar ao lado daquelle artista, em *Paths of Glory*. Harrison Ford e Kathlyn Williams, tambem tomam parte.

☆ ☆ ☆

MARY PICKFORD pretende filmar o seu proximo film, *Dorothy Vernon of Haddon Hall*, na Inglaterra. Ernest Lubitsch, o grande director allemão, vae ser convidado para dirigil-o.

☆ ☆ ☆

RUTH CLIFFORD trabalha com Lewis Stone, Myrtle Stedman, Edith Roberts e Cleo Madison, a inesquecivel interprete da *Ceia da amargura*, em *Dangerous Ages*.

☆ ☆ ☆

HAL ROACH, productor das comedias do impagavel Harold está construindo um grande *studio*. Dizem que Will Rogers é quem vae estreal-o.

☆ ☆ ☆

NORMA TALMADGE vae trabalhar em *The garden of Allah*, que vae ser filmado mesmo na America e não no Egypto, como estava planejado. Depois, fará *Once to every woman* (será a *Ambição*, de Dorothy Philips?) e *Within the law*. As historias para Constance, ainda não foram escolhidas.

1) *Syvia Ashton*. 2) *Sylvia Ashton "dando um ponto" na capa descosida de Betty Compson.*

☆ ☆ ☆

Sapho, o film de Pola Negri, está passando nos Estados Unidos, por intermedio da Goldwyn.

☆ ☆ ☆

QUEM E' GUY OLIVER

E' um dos bons caracteristicos que por ahi andam trabalhando no cinema. Modesto, sem espalhafato, sem grandes reclames da sua pessoa, vem elle representando ha muitos annos. Com uma caracterisação simples, elle dá um cunho de realidade a qualquer papel, representando-o da maneira mais convincente possivel. Nasceu em Chicago, no anno de 1880, e depois da sua educação, em Missouri, entrou para o theatro. O palco o aborreceu e elle viu maiores probabilidades no cinema, e em 1911 entrou para a Lubin. Appareceu aqui no Rio atravez de innumeros films desta fabrica, exhibidos no antigo cinema Ouvidor. Ainda está na nossa mente, um papel de general do tempo da guerra civil americana, interpretado por elle de uma fórma magnifica, num film de que nos não occorre o nome. Trabalhou tambem ao lado de Kathlyn Williams em *Aventuras de Catharina*, o primeiro film em series que veiu ao Rio. Passou para a Paramount tempos depois, onde estréou em *A rapariga americana*, com Mary Pickford. Com esta artista trabalhou logo depois, tambem em *M'liss* e assignou um longo contracto para representar sómente em films da Paramount, onde se acha até hoje. E assim, não ha quem o não conheça e não o admire, vendo trabalhos como os delle em *De fidalga a escrava*, *A familia de Jayme Jucklin*, *O que todas as mulheres sabem*, *Na cidade do silencio*, *Os negocios de Anatol*, *Tentada pelo peccado*, *Campeão do mundo* e muitos outros.

O INCONQUISTAVEL

(THE MAN UNCONQUERABLE)

Film Paramount — Producção de 1922 — Direcção de Joseph Henabery

DISTRIBUIÇÃO

Robert Kendall.	Jack Holt
Rita Durand.	Sylvia Breamer
O Sr. Durand.	Edwin Stevens
Nilsson.	Clarence Burton

— Sim, — disse o advogado ao seu joven cliente. Seu tio, Silas Ladd falleceu, e deixou-o por herdeiro das suas pescarias na Ilha do Francez, no Sul do Pacifico. A transferencia já está feita, e o Sr. é, desde agora, o unico dono daquellas propriedades.

Robert Kendall recostou-se na cadeira de balanço em que estava sentado, e com um aceno de enfado, circumvagou os olhos pelo escriptorio do advogado, accendeu logo depois um cigarro, marcado por um monogramma.

— Não sou muito entendido de commercio, — disse, como a excusar-se — mas creio que serei capaz de dirigir o negocio ainda mais sendo aquella a unica fonte de rendimento que tenho. O Sr. sabe alguma coisa a respeito dessas propriedades de pesca?

— Ficam n'um logar esquecido de Deus, mas isso pouco importava no caso de seu tio, que era um homem rude que sabia governar com um vergalhão de ferro os pescadores rebeldes que tinha ao seu serviço. Ali imperam sem restricções a venalidade e o suborno, de parte dos que mandam, de maneira que não ha ninguem que faça cumprir a lei. O senhor é que terá que se erigir em lei. A direcção do negocio foi parar ás mãos timidas e incompetentes de um tal Leach, empregado de confiança de seu tio. Mas esse homem não têm energia para dirigir o pessoal rebelde que ali trabalha, de maneira que creio bem que o negocio irá por agua abaixo, se o Senhor não se puzer á frente delle!

— Mas porque?

— E' que parece que, além do mais, se está ali roubando descaradamente!

Essa grave informação forneceu pasto á reflexão de Roberto quando de volta ao aposento em que habitava. Oh! a vida de Kendall sempre lhe correra macia e tranquilla, mesmo porque elle odiava as grandes sensações e surprezas. Era porém um mancebo sensato e resoluto, e estava decidido a defender por todos os meios a sua herança.

Pouco tempo depois de haver sido investido na propriedade das pescarias, Roberto observou a rapida diminuição dos rendimentos que dali tirava. As remessas que lhe eram feitas não attingiam á metade do que costumava receber seu tio, e isso despertou as suspeitas de Roberto que acabou por decidir-se a deixar Nova York, ir de viagem até á ilha do Francez, e investigar o motivo porque o negocio ia assim, de mal a peor. Chegou, pois, bella manhã em que elle preparou a sua mala, embarcou e partiu.

Um instante depois, Rita estava nos braços de Roberto...

A viagem correu sem incidentes, com escala por um porto denominado Papete e onde Roberto teve occasião de conhecer uma linda rapariga franceza, por nome Rita Durand. Acostumado como estava a encontrar na sociedade senhoras de rara belleza e distincção, foi essa entretanto a primeira vez que Roberto se enamorou perdidamente de uma mulher.

— Como se explica que uma pessoa tão linda se ache sequestrada neste recanto perdido do Universo? — perguntou-lhe Roberto na varanda do hotel.

— E' que meu pae tambem é proprietario de uma pescaria de perolas, contigua á sua, na ilha do Francez. — respondeu Rita a sorrir, lisonjeada pelo galanteio.

Nessa occasião, appareceu um francez de modos unctuosos e suaves que Rita apresentou como Jean Perrier, um velho amigo de seu pae.

— Tenho ordens de seu pae, Rita, para acompanhal-a ás pescarias, annunciou Perrier.

— Ah, — disse Kendall, em tom satisfeito. — Assim terei o prazer de a tornar a ver muito breve, não é verdade, Miss Durand?

Rita fez um aceno affirmativo e despediu-se de Kendall com um sorriso. Com a facil intuição das mulheres em casos deste genero, comprehendeu bem que o mancebo se apaixonara loucamente por ella, mas era por demais "coquette" para lhe ceder tão facilmente.

... onde Roberto teve occasião de conhecer uma linda rapariga...

Quer perdoar-me? disse a moça.

No dia seguinte Kendall seguiu para a ilha do Francez, e ali encontrou no escriptorio Leach, a quem se deu a conhecer. O seu primeiro acto foi examinar os livros, onde não lhe foi difficil encontrar palpaveis discrepancias.

— Como se explica, senhor Leach, que as suas contas não confiram com os cheques que eu recebi? — perguntou ao gerente.

E Leach, tremulo, tartamudeando, retorquiu:

— E' que sou obrigado a prestar contas, de conformidade com as ordens de Parrier e de Nilsson.

— Obrigado?! — interrogou Robert, surprehendido. — Mas que direito têm elles a dar ordens aqui? Quem é esse tal Nilsson de que o senhor fala?

— E' o peor de quantos rufiões habitam esta ilha. Trabalha para nós e figura como capataz dos nossos homens, que todos lhe tem um medo mortal!

— O mesmo medo que o senhor tem, vejo bem. Felizmente, agora estou eu aqui. Estou convencido de que lavra entre o pessoal a maior deshonestidade, uma vez que não estou recebendo a mesma quantidade de perolas que meu tio costumava receber. Quer isso dizer que alguem as está roubando. E como o homem que a todos inspira pavor é Nilsson, é facil concluir que é elle quem nos governa, a todos!

Leach nada respondeu.

Justamente nesse momento escancarou-se a porta e entrou um velho francez, com grande agitação.

— Ouvi dizer que chegou o joven Kendall, — berrou, relanceando os olhos por um e outro lado. — Onde está elle, Leach Quero entender-me com esse senhor!

O mancebo volveu para o velho os seus olhos tranquillos.

— Roberto Kendall sou eu, — disse calmamente.

— Ah, é o senhor, hein? Pois então quero dizer-lhe que não comprehendo como é que o senhor consente que esse bandido de Nilsson e os demais piratas da sua turma se mettam com as tripulações dos meus barcos e as provoquem!

Kendall observou o velho alguns instantes, mas reflectindo que Rita era sua filha, e que lhe convinha ganhar as sympathias de Durand, soffreu o impulso que o seu temperamento lhe dictava, e respondeu em voz respeitosa:

— Eu providenciarei para que Nilsson cesse de os incommodar, senhor Durand. Acabo de chegar no intuito de pôr côbro a toda a especie de desregramentos que aqui lavram, mas ainda não tive tempo de dar realisação aos meus projectos.

— Pois então, trate de fazer, o mais depressa! — replicou o velho, já a transpôr a porta.

— Leach, — disse Robert, — despeça Nilsson.

— Ah, isso não! Isso é que eu não faço! — disse o gerente, empallidecendo — Nilsson é um homem perigoso e era capaz de matal-o, ao senhor, se eu o mandasse embora!

— Está bem, — disse Robert. — Não sou nenhum cobarde e saberei mostrar a Nilsson quem é que manda aqui! Para começar, vou mandal-o prender, pelas provocações movidas á gente de Durand.

Creio que se a policia lhe fizer assignar um termo de bem-viver, elle não terá remedio senão...

— Boas esperanças!... — commentou Leach, incredulo. — O senhor nunca conseguirá semelhante coisa. Robinet, o governador desta ilha — um explorador deshonesto, venal e incapaz — é amigo de Nilsson, e comprehende...

— Não faz mal: tentarei!

Foi de facto ao Governador e apresentou-lhe a sua queixa. Mas o governador vinha de ha muito recebendo metade do que Nilsson roubava, e não se atrevia portanto a mandar prender o sueco.

Resmungou entretanto uma resposta evasiva com ares de uma promessa de providencias, e Robert retirou-se satisfeito.

Poucos dias depois, Rita Durand soube que seu pae estava enfermo, e foi á ilha com Perrier e sua tia Marie. Seu pae começou a accusar Kendall fortemente, e como Rita pedisse maiores explicações, elle deu-lh'as, accrescentando tambem que o Governador se recusara a prender Nilsson, a pedido de Kendall.

— Eu falarei com o Sr. Kendall, Papae — disse Rita.

Na tarde desse dia a moça encontrou Robert e falou-lhe.

— E que pretende o senhor fazer?

— Effectivamente, não sei, — confessou o mancebo — Aqui, infelizmente, não ha lei!

— De facto — disse sarcasticamente a moça — mas nesta ilha cada homem faz sua lei e a executa. E' isso mesmo que lhe cumpre fazer: o senhor é que terá que governar os seus homens. Não conte com mais ninguem.

— Está bem. Devo-lhe uma feliz inspiração, — respondeu sorrindo. — Eu proprio então resolverei o caso com esse individuo.

Depois que ella partiu, Robert desceu á praia onde estava reunida uma baderna dos homens que trabalhavam na pescaria.

(*Termina no fim da revista*)

A' sahida, de revólver em punho...

BEBE DANIELS

HARRY CAREY já começou o seu quarto film para a F. B. O. Intitula-se *The canyon of the fools*, e diz Carey que nunca escolheram uma historia tão boa para elle. Marguerite Clayton, a heroina das *13 Noivas*, é a *leading-woman*.

☆ ☆ ☆

Uma nova empreza, a *Technicolor*, se formou nos Estados Unidos com o capital de 33 milhões de dollars (264.000 contos), para explorar a cinematographia em côres naturaes, segundo o processo do professor Daniel Cornstock, do Instituto de Physica de Massachussetts. *A lenda da agua turva* é a primeira producção dessa nova marca, que será distribuida pela Metro.

☆ ☆ ☆

RODOLPHO VALENTINO, preso á Paramount por um contracto a longo praso, ganha unicamente 1.250 dollars por semana (10:000$000), justamente o que ganha o presidente da Republica do Brasil. E uma das queixas que elle formula contra a empreza que lhe explora o trabalho, é que a paga não está em proporção á fama de seus films.

A PUBLICIDADE PELO CINEMATOGRAPHO

A publicidade pelo cinematographo tem actualmente quatro fórmas distinctas de circulação, declarou o Sr. Harry Levey, presidente da secção de publicidade pelo cinematographo, dos Associated Avertising Clubs of the World em um discurso pronunciado perante a ultima reunião annual dos membros desta associação.

"Tres destas quatro fórmas de circulação são pagas pelo cliente", declarou o Sr. Levey, "a quarta é um serviço gratis." Estas fórmas são as seguintes:

1°—Circulação local-contractando directamente com alguma empreza local em um estado ou uma cidade ou em parte de qualquer destes ou ambos.

2° — Circulação selectiva nacional — em territorio escolhidos pelo annunciante em um periodo de tempo determinado pelo numero de exemplares da fita apropriada.

3°—Circulação completa nacional—exhibição de fitas em todos os theatros disponiveis no paiz, simultaneamente, si deseja-se, no curto periodo de uma semana.

4°—Circulação gratis fóra dos theatros, exhibição de fitas nas escolas, egrejas, clubs, associações, organisações civicas e estabelecimentos fabris.

Tratando sobre as opportunidades que a publicidade pelo cinematographo offerece aos annunciantes afim de apresentar directamente ao publico os artigos do fabricante, o Sr. Levey declarou:

"Existem cerca de 17.000 theatros nos Estados Unidos, que accommodam de 500 a 5.000 pessoas cada um, dando de tres a oito e algumas vezes dez representações por dia. A circulação regula ser de 3.000 por representação, que é o numero de espectadores em um dia em um theatro, quando se trata do numero commum de representações. Isto dá um total de 50.000.000 espectadores diarios em todos os Estados Unidos.

"Em uma campanha local, segundo foi conduzida por uma companhia de Cleveland, Ohio, recentemente, o annunciante escolheu 100 theatros, os quaes lhe offerecem uma circulação de 300.000 espectadores ao custo de um pouco menos de $1.67 por mil. E convém lembrar que cada espectador presta toda a attenção á propaganda do annunciante por um periodo de quinze minutos, sem que tenha outra coisa presente no momento para desviar a sua attenção.

"Em uma campanha selectiva o annunciante contracta para 500 até 3.000 espectaculos ao mesmo preço que uma fita de uma só parte, ou seja menos de $1.67 por uma circulação de mil pessoas. Si bem que uma fita de duas ou cinco partes custe mais caro o mesmo numero de circulação, entretanto o annunciante mantém a attenção do espectador por um periodo duas ou cinco vezes mais longo do que com uma fita de uma só parte.

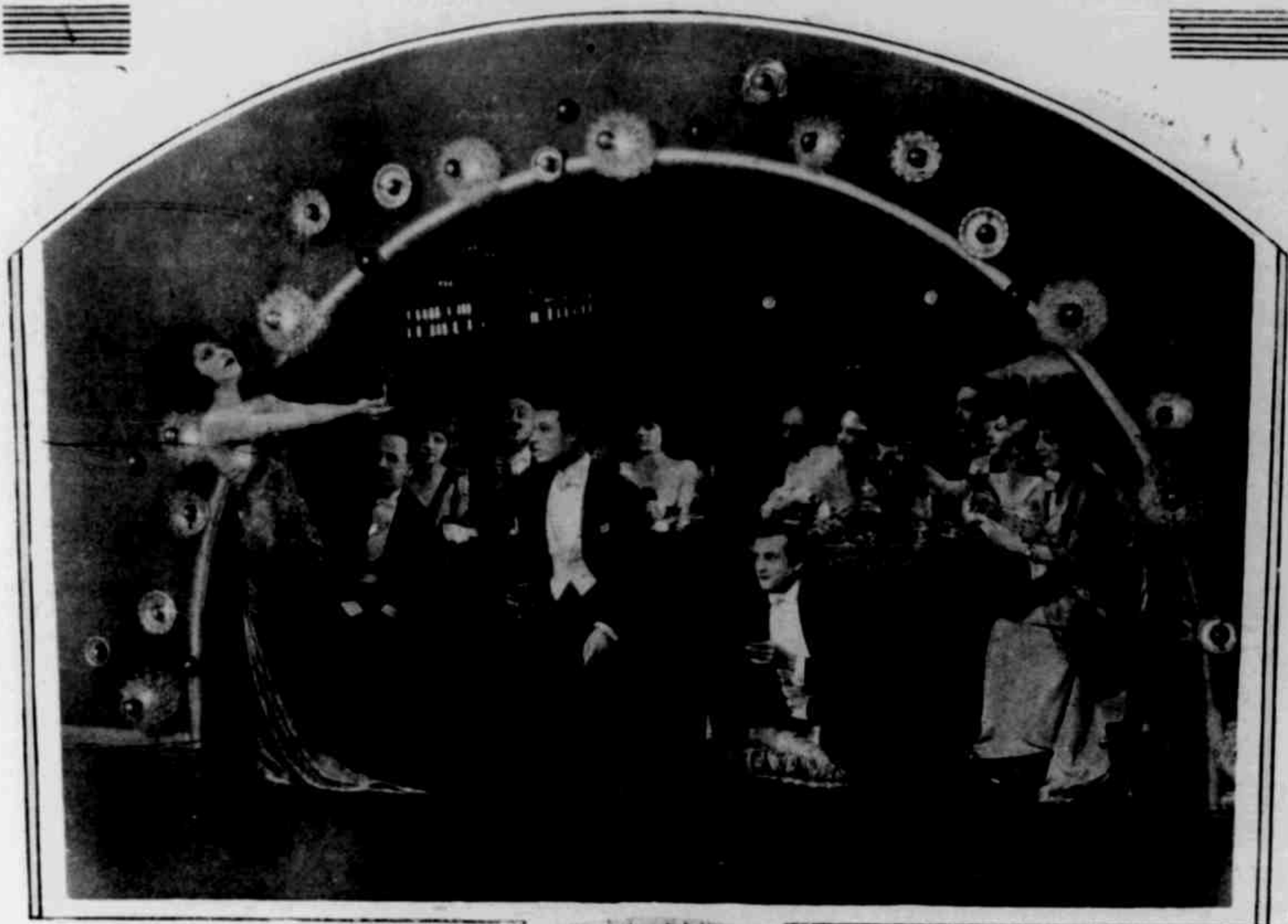
"A circulação nacional completa custa na mesma proporção. E' apenas necessario para esta fórma de publicidade augmentar o numero de fitas para serem exhibidas em todos os espectaculos simultaneamente".

CASA RAUNIER — RUA DO OUVIDOR, 170

Secções de fazendas, armarinho, meias, chapelaria, camisaria, roupas brancas para senhoras, cama e mesa, tapeçarias, rapazes e alfaiataria. Novidades em tecidos para verão e artigos para presentes.

A PRODUCÇÃO DO PAPEL DE IMPRESSÃO

A producção total de papel para impressão, das noventa principaes fabricas dos Estados Unidos, durante os primeiros seis mezes do anno corrente, foi de 759.624 toneladas, segundo o relatorio publicado recentemente pela Federal Trade Commission. Durante o periodo correspondente do anno passado, setenta e quatro fabricas produziram 671.141 toneladas. O relatorio informa que da producção deste anno, 679.200 toneladas foram de papel commum para impressão.

As existencias de papel para impressão disponiveis nas fabricas em 30 de Junho do anno corrente montavam a 20.976 toneladas, em comparação com 20.023 toneladas no anno passado.

Alla Nazimova em uma das scenas do film "Camille" (A Dama das Camelias).

O MEU PEOR TRABALHO E COMO CONSEGUI UM MELHOR

(Por Sam Wood)

Um dos peores e dos mais pesados trabalhos que jámais tive, foi o de fazer feixes de trigo, ao lado duma ceifadeira macanica, na fazenda dum certo Sr. Knowler, em Chase, no estado de Kansas. Um rapaz chamado Crow e eu, tinhamos deixado a escola e intencionavamos ir trabalhar numa mina, em Central City, no estado de Colorado, mina que—viemos descobrir mais tarde—era um *bluff*. Sem dinheiro e nem amigos, estavamos em apuros e não havia outro remedio sinão tomar o primeiro emprego que se nos apresentasse, e como estavamos na estação da colheita do trigo, fomos para o estado de Kansas. Até hoje eu sinto ainda o contacto desagradavel das folhas do trigo! Todos os dias eu tinha o meu pescoço marcado dellas. Comtudo, sendo o meu peor emprego e trabalho, não tenho nenhum resentimento contra aquella occupação. Foi bom para mim, physicamente, e, o que é mais importante, pude aprender como certa classe de gente vive, fóra do nosso circulo de conhecimentos. Esta e outras occupações que se seguiram em minha vida, formam hoje a parte essencial, integral e de alto valor na profissão que tenho agora, a de director de emoções humanas.

☆ ☆ ☆

Charles Ray, está gastando grandes sommas no seu film *The court ship of Miles Standish*. Pretende fazer delle um dos maiores de 1923.

☆ ☆ ☆

Douglas Fairbanks planeja gastar um milhão de dollars no seu proximo film.

☆ ☆ ☆

Leah Baird é na vida civil Mrs. Arthur F. Beck.

Will Hayes, o dictador da industria cinematographica, em companhia de Baby Peggy.

FANTASMAS NA TELA

Todo mysterio, tudo aquillo que escapa de alguma sorte á nossa comprehensão, exerce sobre o nosso espirito uma grande fascinação. E' justamente por esse motivo que os phenomenos de espiritismo provocam mais a mais, no mundo inteiro, a curiosidade e o estudo a que se têm applicado varios dos mais eminentes espiritos, das mais cultas intelligencias dentre scientistas de fama. No cinema, por meio de *trucs* photographicos, que se são bem feitos, pódem attingir a summo grão de perfeição, se pódem realisar verdadeiras maravilhas em materia de apparições sobrenaturaes. Em um film da Goldwyn, *Earthbound*, (Alma em supplicio), que fez grande successo ao ser passado, tanto na Norte America como na Europa, ha uma reincarnação de uma alma que se fóra para o Além. E o detalhe technico da apparição dessa figura transparente é maravilhoso. No film da Paramount, *One Glorious Day*, em que figuram Lila Lee e Will Rogers, apparecia um *Elfo*, e essa figura extranha de um habitante dos outros mundos, desse duende, é um dos detalhes mais curiosos desse film.

☆ ☆ ☆

Na *première* de *Trifling women*, o film de Rex Ingram, em Broadway, o theatro que o exhibiu esteve á cunha. Rodolpho Valentino, com curiosidade de ver o trabalho do seu amigo director, estava presente e recebeu mais applausos do que a fita !

☆ ☆ ☆

Walter Hiers, aquelle gorducho muito pandego, que conhecemos immenso, foi elevado a categoria de *estrella* pela Paramount, attendendo aos innumeros pedidos dos exhibidores, preenchendo assim o logar de Chico Boia. O seu primeiro film será *Mrs. Billings spende his time*, dirigido por Wesley Ruggles, o director do *Mel sylvestre*. Os coadjuvantes são Jacqueline Logan, George Fawcett, Clarence Burton e Robert Mac Kim.

☆ ☆ ☆

A Paramount não reformou os respectivos contractos com as artistas Wanda Hawley e Mary Miles Minter.

☆ ☆ ☆

Eileen Percy é a *leading-woman* de Herbert Rawlinson em *The prisoner*.

☆ ☆ ☆

A Selznick está fazendo *Rupert of Hentzau*, com Bert Lytell, Elaine Hammerstein, Marjorie Daw, Hobart Bosworth, Mitchell Lewis e Lew Cody. O ultimo é o protagonista.

☆ ☆ ☆

Emil Jannings, o melhor artista caracteristico da scena muda, incontestavelmente, está filmando agora a *Historia de Pedro, o Grande*, para a Efa, sob a direcção de Dimitri Buchowetzky. Para essa mesma empreza Harry Liedtke termina *O irmão mais moço de Napoleão*, sob a direcção de George Jacoby.

☆ ☆ ☆

Bessie Love e Ralph Graves, são os artistas principaes em *Ghost Patrol*, da Universal.

☆ ☆ ☆

Antes de partir para os Estados Unidos, Pola Negri concluiu um film para a Efa, cujo titulo ainda não foi publicado.

☆ ☆ ☆

Maurice Tourneur, está dirigindo Milton Sills e Anna Nilsson em *The isle of dead shipt*.

☆ ☆ ☆

The Ropin fool é o nome do film com que Will Rogers iinicio seu trabalho para a Pathé N. Y.

No film "Forget me not", da Metro: Gareth Hughes e May Collins.

UMA "INTERVIEW" COM MARY CARR

(*Fim*)

— Quaes os seus filhos que trabalham em *Over the hill?*

— Stephen, o estudante vadio; Louella, que fez o papel de Suzanna, e May Beth e Rosemary, a quem vesti e despi varias vezes em scena.

— Era a primeira vez que trabalhavam comsigo?

— De facto, mas as scenas que faziamos eram de tal sorte a reproducção das occurrencias diarias em casa, que nenhum ensaio foi necessario.

— Tem aspirações?

— Já não são tantas. Concentro-as todas em meus filhos. Elles representam o futuro e o passado.

— Seu marido não volveu ao palco?

— Não. Elle hoje se dedica a outros trabalhos.

— Pensa continuar a representar?

— Quem sabe? Póde ser.

— Qual é sua actriz favorita?

— Mary Alden.

— E actor?

— William Farnum.

— Director?

— Griffith.

O INCONQUISTAVEL

(*Fim*)

Leach já lhe indicara Nilsson. Robert caminhou directo a elle, fitou-o bem nos olhos, e disse-lhe:

— O senhor está despedido, Nilsson!

— Porque? — perguntou asperamente o sueco.

— Simplesmente porque eu não quero que o senhor trabalhe para mim.

— Ah, não quer? Pois já vae ver quanto lhe custa esse capricho! — disse Nilsson, e sem mais vibrou ao rosto de Kendall um murro violento que o atirou por terra. Robert levantou-se, fulo de colera.

Saltando sobre Nilsson, aferrou-o pela garganta, mas diversos amigos do sueco se metteram de permeio e os separaram.

Nesse momento appareceu Rita e vendo o que Robert estava fazendo, arderam-lhe os olhos de contentamento.

— Agora tens que te defender, bandido! — disse Robert atirando-se de novo ao valentão — Aggrediste-me cobardemente, mas vaes ter que te arrepender!...

Nilsson, com um sorriso escarninho, despediu contra Kendall um *swing* de morte, certo de o abater de vez, com um só golpe. Mas Robert esquivou-se ao socco, e despediu-lhe aos queixos um bote poderoso. Seguiu-se uma luta tremenda. Mas Kendall, athleta desde o berço e habil *boxeur*, levava marcada vantagem sobre Nilsson que em breve cambaleava, attonito. Um *swing*, bem visado por Kendall acabou por atiral-o a terra, sem sentidos. Para aquella gente um homem vencido era depressa um idolo morto, e Nilsson no mesmo momento perdeu o seu prestigio para os pescadores, que logo se dispuzeram a acclamar como seu verdadeiro chefe aquelle que dispuzera com tão grande facilidade do terrivel sueco.

Rita, enthusiasmada pela coragem do rapaz, admirou-o agora mais pelo modo summario como elle liquidara a situação. E de volta á casa, ao penetrar no quarto de seu pae, disse-lhe desde logo:

— Creio que eu e tu fizemos uma opinião injusta a respeito deste Kendall.

— Uma opinião injusta, hein? — resmungou o velho — E porque mudaste, assim, de parecer?

— Nilsson é duas vezes mais forte e possante do que o Yankee. Entretanto, Kendall não hesitou agora mesmo em despedil-o, e quando o sueco quiz vingar-se, administrou-lhe uma surra de que o bruto nunca mais se ha de esquecer!

— Isso com effeito modifica a minha opinião a seu respeito, — rosnou Durand. Imaginei-o um bonifrates sem coragem para enfrentar sequer uma boa carga dagua, mas vejo que me enganei.

— Acho melhor que te faças amigo delle.

— Pois seja. Irei vel-o amanhã. Estou melhor, e amanhã já poderei caminhar sem grande esforço.

Emquanto se encadeava esse dialogo entre pae e filha, Nilsson afastava-se de Kendall, a praguejar e prometter vingança. Caminhando direito á casa do Governador, ali encontrou Perrier.

— Acabo de dividir os lucros apurados com a venda das ultimas perolas que tu roubaste ao joven Kendall, — disse Perrier — Aqui tens o teu quinhão.

— Precisamos afastar Kendall daqui quanto antes, — segredou Nilsson. — Se não o fizermos, elle acabará por denunciál-o, ao senhor e ao Governador, e descobrirá como nos temos "arranjado" com as perolas delle. Perderemos assim esta "sopa", e não será com facilidade que arranjaremos outra igual!...

— E de que modo nos poderemos ver livres delle? — perguntou o governador.

— Tenho um plano para isso, — disse Perrier.

E explicou a sua idéa.

Pouco depois Perrier dirigiu-se á casa de Durand.

— Tenho razões para acreditar que Kendall virá aqui e apresentará uma versão adulterada sobre aquella briga que elle teve com Nilsson, disse Perrier.

— Não percebo! — declarou o outro.

— Com certeza elle vae contar que castigou o sueco pelas importunações movidas aos seus homens, Durand, quando a verdade é que Kendall só brigou com Nilsson por este se haver recusado a saquear a sua propriedade, em beneficio delle.

— Ah, foi assim? — perguntou o velho ingenuamente.

— Nilsson é hoje um homem regenerado, ao passo que Kendall, segundo estamos informados, é um individuo sem principios. A propriedade delle não dá mais nada, de maneira que elle agora o que faz é saquear as perolas alheias. Nilsson recusou-se com hombridade a ser instrumento dos seus planos, e dahi a briga que tiveram os dois...

— Pois com mil diabos! — atalhou Durand. — O malandrim não só me enganou, a mim, como tambem a Rita. Tenho-te por um homem de bem, Perrier, e sou obrigado a acreditar na tua versão. E eu que me dispunha a ser amigo desse audacioso! Felizmente, o teu aviso chega a tempo! Que dizes a tudo isto, Rita?

— E' uma verdadeira surpreza! — disse a moça.

— Mas sei bem que, amigo de Papae como é, o Sr. Perrier seria incapaz de nos mentir!

— Nilsson é o mais habil e experimentado pescador de perolas destes mares — proseguiu Perrier — e uma vez que o teu rival o despediu, sou de opinião que lhe deves aproveitar os serviços. Será um esplendido director para o teu pessoal, e com a pratica que tem, grandes lucros te ha de trazer, Durand.

— Acceito o teu conselho, e tomarei immediatamente Nilsson para capataz dos meus homens, — declarou o velho.

Perrier retirou-se satisfeito do seu exito, e na manhã seguinte fez-se ao mar, com uma turma bem armada, numa das escunas de Durand, para ir saquear a propriedade de Kendall. O objectivo da expedição era provocar Robert, de maneira a sobrevir um conflicto.

O joven americano avistou-os de longe e logo appareceu numa lancha, e protestou contra semelhante violencia:

— O senhor está na minha zona de pesca, Perrier! — gritou de longe. Ponha-se ao largo, quanto antes!

— Trabalharemos onde bem quizermos! — retorquiu o francez audaciosamente.

— O senhor está violando a lei e violando os meus direitos. Partiu do outro lado uma gargalhada escarninha que levou ao auge o desespero de Kendall.

— Vá para terra ou mettel-o-ei a pique! — volveu Perrier.

Apontou a escuna á lancha, no ponto preciso em que se achava Kendall, sem duvida resolvido a cortar a embarcação em duas. Mas Robert tirou a capa de lona que resguardava uma metralhadora armada na lancha, e abriu fogo contra os seus assaltantes, crivando de balas a embarcação que pouco depois se submergia.

A tripulação salvou-se, atirando-se aos botes e remando para terra.

Ali, rubro de colera, Perrier correu a Durand e disse-lhe:

— Vou communicar-te que fomos atacados por Kendall a tiros quando pescavamos perolas nas nossas aguas. A tua embarcação foi a pique.

— Com mil demonios! Isto passa da medida! — bradou Durand, possesso.

O velho precipitou-se para o escriptorio de Robert, mas não o encontrou.

Kendall, ao voltar, soube da visita de Durand e adivinhou que uma barreira de odio o separava agora da moça a quem déra todo o seu coração. Não desejava porém permanecer sob uma infundada suspeita e assim, escreveu uma carta relatando fielmente tudo quanto se passara, e accentuando que apenas agira em defeza propria.

Não obstante, concluia, estava prompto á reembolsar Durand pela perda da sua escuna.

Entregou a carta a um chinez que já antes trabalhara para seu tio, e disse-lhe:

— Leve essa carta ao senhor Durand.

O mongol obedeceu, mas Durand estava em tal disposição que não só se recusou a ler a carta, como a atirou violentamente sobre uma mesa, sem a ter aberto.

— E tu, foge daqui, mais que depressa! — bradou para o chinez que se apressou em correr a Kendall e contar-lhe o que se acabava de passar.

N'essa mesma tarde, no correr de uma pesca clandestina a que procediam em seu proprio beneficio, Nilsson e Perrier encontraram uma magnifica perola do valor minimo de 10.000 dollars, que planejaram guardar e vender. Durand, apparecendo de improviso, surprehendeu-os porém em meio do exame que faziam.

— Essa perola pertence-me! — affirmou Durand com firmeza — Entreguem-m'a!

Os dois obedeceram com extrema relutancia, e Durand levou a perola para a sua residencia, afim de a guardar ali, com toda a segurança. Mas agora, começavam

a pairar em seu espirito suspeitas a respeito de Nilsson e Perrier. E quanto mais reflectia no que acabava de occorrer, mais se avolumavam as suas desconfianças.

Nessa tarde, elle leu finalmente a carta em que Kendall se offerecia a indemnisal-o pela perda da escuna, e defendendo-se das accusações que antecipava.

O velho estava então mais calmo, mais bem disposto para julgar equitativamente o seu rival. Se era certo o que dizia Kendall, afinal não lhe cabia grande culpa, pensou de si para si. Mas quando Rita appareceu, o pae nada lhe disse, nem sobre a carta, nem sobre a esplendida perola de que era possuidor.

— Estás triste e apprehensiva, Rita! Que é que tens? — perguntou.

— Tenho reflectido sobre os nossos attrictos com Kendall, — respondeu a moça — e cheguei á conclusão de que temos sido injustos para com elle. Julgámol-o com precipitação demasiada, — não te parece, Papae?

— E's um verdadeiro anjinho de paz, — disse o velho contemplando-a enternecido.

— Porque não fazes as pazes com elle, papae? — interrogou, com voz triste.

— Talvez faça. E agora, vae para a cama. Repousa, queridinha.

Deu ao pae o beijo das boas noites e sahiu da sala sem observar o rosto sombrio de um homem que, do lado de fóra da janella, os observava attentamente.

Era Nilsson!

Depois de Rita se retirar, o Sr. Durand tirou a perola de uma gaveta, collocou-a numa caixinha de feitio bizarro, e abriu uma porta dissimulada na parede e que dava passagem para um corredor secreto.

Ahi escondeu a perola. Depois, chamou um servo chinez, e recordado das palavras de Rita, disse-lhe:

— Vae dizer a Robert Kendall que desejo falar-lhe hoje, aqui em casa, ás dez horas da noite.

O chinez correu ao escriptorio do americano e ali encontrou Kendall, a andar agitadamente de um lado para o outro.

— O Sr. Durand deseja falar-lhe esta noite em sua casa, — disse o chinez.

— A respeito de que? — indagou Robert.

— Não sei. A's dez horas da noite, hein? — disse o criado no momento de partir.

O recado surprehendeu Kendall que logo fez votos por que o dictasse o desejo de entrar em boa amizade com elle. Só o chinez o viu entrar em casa de Durand á hora marcada.

Com grande satisfação do visitante, Durand recebeu-o com um sorriso, estendendo-lhe a mão.

— Li a sua carta, — disse o velho — e inclino-me a acreditar na sua versão do ataque ao meu navio, Sr. Kendall.

— Agradeço-lhe, e estou satisfeito por ver que me faz justiça, pois desejo ser seu amigo. Esta odiosidade entre nós não tem razão de ser. Estamos os dois no mesmo ramo de negocio e muito melhor será que cooperemos um com o outro.

— Sem duvida. Fiz hoje uma pesca maravilhosa, uma esplendida perola. Quer vel-a?

— Com o maior prazer, — disse Roberto accendendo um cigarro.

Durand apresentou-lhe a gemma rara e Kendall deixou escapar um grito de espanto, mal a viu.

— Magnifica! Esplendida! — exclamou. — Vale uma fortuna!

Muito tempo conversaram os dois cordialmente e por fim Robert retirou-se jubiloso, por ver que se aplanava o caminho para o restabelecimento das suas affectuosas relações com Rita Durand. A' beira da mesa, deixara ainda acceso o seu cigarro.

Nessa mesma noite Nilsson conseguiu penetrar no quarto de dormir de Durand, abriu a galeria secreta, e vinha justamente sahindo com a perola na mão quando Durand acordou. O velho mercador de perolas vio Nilsson e immediatamente procurou o revólver, mas antes que o alcançasse, o sueco atirou-lhe com uma longa e afiada faca cuja ponta lhe varou o coração.

Nilsson pulou a janella ao mesmo tempo que Durand lançava um grito de agonia e tombava ao chão.

Desceu á praia, tirou a perola do seu envolucro e atirou ao mar a caixa de feitio bizarro que a guardara. Depois, desatou a fugir.

Na manhã seguinte foi descoberto o assassinato, e Rita quasi enlouqueceu de pezar. Mas, corajosa, dominou a sua dór e mandou chamar o governador que a essa hora conferenciava em sua casa com Perrier e o sueco. Os dois partiram, mas Nilsson não os acompanhou.

O sueco contara a Perrier o que se passara com a perola, mas não tinham falado do caso ao governador. O plano de Perrier era agora fazer convergir sobre Kendall todas as suspeitas pela morte de Durand.

— O que urge saber, é quem foi o assassino de meu pae, — insistiu Rita com o governador.

— O assassino não deixaria atraz de si algum indicio da sua pessoa?

— Creio que sei quem foi o criminoso, — disse Perrier — Robert Kendall. Era o unico inimigo que seu pae tinha.

— Não posso acreditar em semelhante coisa! — declarou Rita, indignada. — Nunca Kendall teve com meu pae um attricto que se pudesse tomar como origem de tão horrivel crime!

— Eis aqui uma prova de que Kendall esteve com seu pae a noite passada, — disse Perrier apanhando de sobre a mesa uma ponta de cigarro em que appareciam as iniciaes de Kendall. Era o cigarro que Durand abandonara sobre aquelle movel na noite da vespera. Esse indicio deixou Rita perplexa um momento, mas de todo o modo ella se recusava a acreditar na culpabilidade de Robert.

— Essa prova não me basta! — declarou Rita. — Não tenho noticia de que o Sr. Kendall aqui estivesse hontem, e não desejo accusar um innocente. Apresente-me provas cabaes, e então acreditarei na sua denuncia.

Kendall chegou justamente nesta altura do dialogo. Informado do occorrido, dera-se pressa em vir apresentar os seus pezames e offerecer os seus prestimos a Rita. Mas, dado o ambiente de desconfiança que se originara das declarações de Perrier, Kendall foi recebido com frieza.

Cumprido o objectivo da sua visita, Kendall ia a sahir quando lhe chegou aos ouvidos a voz de Perrier.

— E' muita audacia da parte de Kendall apparecer aqui, depois de matar seu pae! — dizia elle a Miss Durand. — Naturalmente, esperava evitar assim as suspeitas!...

Kendall sobresaltou-se num impeto de horror, e reflectindo na opinião que Rita ia ser induzida a ter a seu respeito, logo assentou descobrir o criminoso, como melhor meio de se illibar da culpa.

Ao sahir encontrou o servo chinez que ha tanto o vinha distinguindo com a sua espontanea sympathia, e delle obteve a promessa de nada dizer sobre a sua visita, na vespera.

— Preciso estar livre para poder descobrir o assassino de Durand. E descobril-o-ei, juro!

O chinez fez uma careta de approvação e Kendall desceu á praia a meditar na norma de acção que ia seguir. Caminhava cabisbaixo, com os olhos na areia, quando observou uma caixinha extranhamente esculpturada que as ondas tinham atirado para terra. Apanhou-a e immediatamente reconheceu a caixinha que Durand tivera nas mãos, ao mostrar-lhe a perola magnifica.

A caixa vasia levou-o a acreditar que Durand fôra roubado e que o ladrão o assassinara. Guardou comsigo a sua idéa, mas entrou a desconfiar que Nilsson e Perrier poderiam esclarecer o caso, pois que um e outro haviam tentado em tempos apoderar-se da valiosa gemma. Varios dias se passaram, sem que porém cobrassem maior vulto as suas investigações. Mais tarde, appareceu porém na ilha um escuso mercador de perolas por nome Michaels, e desde logo Kendall calculou que os dois bandidos procurariam vender-lhe a perola roubada.

Após muitas deligencias, Robert conseguiu afinal assistir á conferencia que Nilsson e Perrier tiveram com Michaels e viu-o pagar o preço da compra e metter a perola na algibeira.

A' sahida, de revólver em punho, Robert não poz duvida em assaltar Micheaels que, transido de terror, lhe entregou a perola.

— E agora, siga para o meu escriptorio, que eu o acompanho!

Ali chegados, Michaels com surpreza, viu-se fechado numa sala interna.

— Mas para que é tudo isto?

— Porque quem matou Durand foi Nilsson ou Perrier, e quando eu os prender vou precisar do seu depoimento com relação a esta perola. Se o senhor disser a verdade, não só o deixarei em liberdade, como ainda o embolsarei do que pagou.

— Está feito. Farei tudo que quizer, comtanto que me evite a prisão e a perda do meu rico dinheiro!

— Pois então espere aqui que eu não me demoro!

Nilsson e Perrier descobriram porém as diligencias de Kendall e resolvidos a evitar que elle revelasse a Rita toda a verdade, armaram-lhe uma cilada á sahida do escriptorio e abateram-n'o com um tiro certeiro.

Foram então a Rita e confirmaram a denuncia de Perrier, accrescentando que quando enfrentado pelo seu accusador Robert tentara alvejal-o e áquelle tivera que matal-o, em defeza propria.

Rita sentiu-se allucinada com a noticia da morte de Robert. A bala de Perrier apenas porém lhe roçara a fronte e o atirara ao chão, desacordado. Voltando a si e verificando a desapparição dos seus inimigos, Kendall correu ao seu escriptorio e acompanhado por Michaels e um revolver de confiança seguiu para a residencia de Durand.

Nilsson, quando! o viu approximar-se, chegou a acreditar numa resurreição. Puxou sem embargo do revolver mas, mais lesto do que elle, Kendall arrancou da sua arma, e um tiro bem empregado deu por fim ao sueco a merecida punição. Perrier ainda tentou evitar as revelações de Robert, mas desta vez foi Rita que frustou o plano do inimigo do mancebo. Kendall apontou o revólver a Per-

rier, mas o miseravel fez do corpo de Rita uma ante-para, e acabou por fechar-se com ella na galeria secreta do aposento. O perigo não fazia porém senão duplicar a energia, a coragem de Robert; e arrombada por fim a porta, elle penetrou na galeria e obrigou o miseravel a voltar a arma contra si, justamente quando elle se preparava para accionar o gatilho contra Kendall.

Um instante depois, Rita estava nos braços de Robert. Com o depoimento de Michaels, o mancebo illibou-se das desconfianças que pesavam sobre a sua pessoa e justificou-se pela morte dos dois miseraveis cuja culpa no assassinato de Durand era agora patente.

Só então Rita comprehendeu quanto fôra injusta para com Robert e o muito que lhe devia.

— Quer perdoar-me? — perguntou tristemente.

— Sim, sob uma condicção, — redarguiu Robert, sorrindo.

— ?...

— Que seja minha esposa Agora poderemos unir as nossas propriedades, exploral-as auxiliados por homens honestos que queiram trabalhar comnosco, e tirar do que possuimos a compensação que merecemos. Acceita?

Rita estendeu-lhe as mãos, e quando a moça o fitou bem nos olhos, Kendall sentiu que ia ser, desde então, um dos homens mais felizes de todo o Universo.

A SEMANA ELECTRICA INSTRUCTIVA

Durante o periodo que decorreu de 2 a 9 de Dezembro, teve logar em todas as cidades e outras terras de menor importancia nos Estados Unidos, a Semana Electrica Americana. A maior parte deste tempo foi dedicado a exposições e apresentação de artigos electricos em todos os estabelecimentos conjunctamente com extensos artigos de jornaes a respeito dos mesmos. Se bem que a semana electrica deste anno teve logar em muitos sitios onde não tinha sido realizada o anno passado o seu caracter passou da forma exibicionista á instructiva. As paradas civicas fizeram-se notar pela sua ausencia, pois que os esforços dos interesses electricos locaes se limitaram a uma propaganda restrictamente instructiva.

As Companhias progressistas usaram em grande escala annuncios electricos de grande effeito, por iniciativa da Sociedade de Desenvolvimento Electrico e que deram a nota typica da semana, bem como os annuncios nos carros electricos, extenso reclame nos jornaes e ricas exposições nas montras, adornos e letreiros nos automoveis de distribuição, e remessas de circulares a freguezes. Observaram-se grandes baixas nos preços, que chegaram a 25 °|° dos preços correntes dos artigos electricos. Nas cidades onde a rotina dos negocios impediu grandes demonstrações, as installações de energia electrica, os contractadores e vendedores por atacado cooperaram por meio de grandes publicações, occupando paginas completas dos jornaes.

SABONETE GAÚCHO

Dentre os sabonetes fabricados no paiz, o Sabonete Gaúcho merece, sem duvida, logar de destaque, não só pelo escrupulo com que é preparado, pois não contém nenhum ingrediente nocivo á epiderme, como tambem pelo delicado e artistico modo em que é acondicionado.

Agradavelmente perfumado, o Sabonete Gaúcho, representado e depositado nesta capital pelo Sr. Nilo Vasconcellos, que teve a gentileza de nos offerecer algumas caixas, está fadado a um grande successo.

PAPAS CALIENTES

TANGO

Por E. AROLAS

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

Piano

p

f

p

seco

seco

Fin.

para el trio

p

p

mf

p

D.C. poi Trio.

Trio

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

NOVA CARSTEN (Bello Horizonte) Nada de notavel na sua graphia. Instinctos sensuaes equilibrados; espirito calmo, mas pouco ponderado. Expansões extemporaneas de algum sentimentalismo. Perspicacia traduzida em dissimulação. Amor proprio latente d'uma força de vontade muito discreta, mas poderosa. Coração entre o egoismo e altruismo.

RUTH (Rio) — Sensitiva que se fecha pudicamente ao contacto do mundo ignaro. Ha nesse feitio algum exaggero, para dar na vista. Mas é de facto muito melindrosa em questões de pudor. Nem parece da actualidade... Tem um grande idealismo. Desejaria ser a protagonista de uma aventura romanesca, em que houvesse um Romeu. Acha tão bonita essa historia. Felizmente parece não esperar repetições dessa ordem; mas o seu espirito compraz-se em imaginar. Tem coração para outras cousas? Talvez, mas não apparece.

BRILLAT (Nova Iguassú)—Aqui não se adivinha: estuda-se a letra.

IBERIA (Rio Grande do Sul) — Vaidade sem audacia. Espirito claro e muito recto, mantendo-se perfeitamente equilibrado em meio das maiores agitações que porventura a inquietem. Cerebro possante, de idéas bem ligadas e grandemente deductivas. Grandeza d'alma no soffrimento, comquanto á custa de sacrificio moral. Coração pouco bondoso.

A. TRISTE (Manáos) — Bondade cordial, expansibilidade de espirito, vontade poderosa. A isso póde juntar uma certa presumpção dessas qualidades. E tambem um certo amor ao dinheiro.

BOHEMIA (Campinas) — Natureza cheia de amor proprio, de espirito propenso á contrariedade. Grande força de instinctos sensuaes. Faceirice muito subordinada a um excellente gosto artistico.

GRAND-MASSON (Bebedouro) — Quem o vê não o leva preso, tal a maciez de seus modos. E' só apparencia, pois não lhe faltam elementos colericos a lhe perturbarem a serenidade... Vive assim contrariadissimo, por não poder dar expansão ao seu veraz temperamento. E' que acima de tudo põe os seus interesses materiaes e esses o levam á mais perspicaz dissimulação. Todavia, é capaz de rasgos de franqueza — mórmente de generosidade

JURACY (Rio) — Tem o traço das naturezas definidas pela força espiritual e pela força de vontade. Vibra com todos os sentimentos, os bons especialmente, pois o seu coração é benigno e amoroso. Ha um ponto negro: a tensão permanente do sensualismo actuando em sentido contrario ás apparencias em que persiste, para parecer bem á sociedade. Não quer isto dizer que seja uma hypocrita, mas virá a ser talvez uma victima da impetuosidade dos instinctos de prazer. O que vale é que tem uma educação esmerada, e isso não deixará de a salvaguardar de alguns abysmos...

TOUTINEGRA (Botafogo) — O traço predominante do seu caracter — como deseja saber — é a dissimulação. Não é dos mais notaveis, mas diz sufficientemente da sua grande perspicacia, especialmente em casos de amor. Tem o coração bondoso, caritativo, mas frio e até mesmo um tanto invulneravel, ás campanhas de Cupido. Só por grande interesse material fingirá render-se...

CLIMENE (Rio) — E' sonhadora, mas sem alvo definido. Oscilla entre o amor á notoriedade e o amor ao dinheiro. Guarda bem o mal que lhe fazem e não despreza a vingança. Tem a vontade ambiciosa, mas com as qualidades de persistencia que garantem o triumpho. O seu espirito é um tanto inquieto. Amor proprio notavel, comquanto perfeitamente dominado pelas suas conveniencias pessoaes.

DANIELES (Tijuca) — Espirito frio, quasi algido, principalmente em presença de assumptos puramente moraes. Se se trata, porém, de casos materiaes, logo essa frieza se transforma e todo o seu ser se anima. Revela, então, todas as suas qualidades de força e perspicacia, empenhando-se na luta interesseira e querendo para si a melhor parte. Sim, porque o egoismo é inherente a naturezas dessa ordem. Isso, aliás, está perfeitamente comprovado pela dureza do coração.

ROSA MURCHA (São Paulo) — Apparencia de personalidade artistica e sonhadora. De facto o é um pouco. Mas o que prevalece é um grande amor ao dinheiro, ao conforto, a tudo quanto represente bem estar material. Tambem, o seu espirito, de apparencia muito amavel, procura quasi sempre um caminho opposto ao criterio commum. Ha nisso uma grande vaidade, pela convicção intima da sua supremacia intellectual. Seu querer é forte, e quando não consegue o que deseja, derrama colera no seu temperamento. Tem apreciaveis dotes artisticos e é mestra em questões de bom gosto. A bondade cordial é um de seus maiores apanagios.

SEMINARISTA (Rio) — O que ha de mais notavel é o traço da vontade. Poderoso e de grande pertinacia, vence com elle todos os obstaculos que se lhe antepõem. Emprega essa força quasi toda na defesa de seus interesses materiaes. E' voluvel em amor e tem uma tendencia para a liberdade illimitada. O seu coração, porém, é piedoso e magnifico em generosidade. Só elle salva todo o seu ser, absolvendo todos os seus peccados.

CHAPÉOS DE PALHA

Os estylos dos chapéos de palha na presente estação reservam margem á tendencia de se apartarem dos modelos exagerados que se viram no anno passado, e não se encontram copas extremamente altas nem abas reduzidas. Está-se vendendo muito bem o chapéo de palha que póde ajustar-se em qualquer cabeça; este chapéo assenta perfeitamente e não ha receio de que se lhe quebrem as abas, pois são feitas por uma idéa privilegiada. Outro chapéo que goza de muita popularidade é um philipino de palha exquisitamente tecida e muitissimo leve. Ha cinco ou seis annos estes chapéos custavam quasi o dobro do que se vende agora, e a razão disto é que quando os chapéos attrahiram a attenção do publico pela primeira vez, a producção era muito limitada e o systema de fabricação primitivo e caro.

LEITURA PARA TODOS é o *magazine* mensal por excellencia. Preço: no Rio, 1$500; nos Estados, 1$700.

Não temer a Tuberculose

O

"SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrofulosas, os esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". *E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.*

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de Figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as drogarias e pharmacias.

Encontra-se em toda parte

Como se pode dormir tranquillo!

uzando na Lamparina Oleo Marca Uniao

AMORIM, GORTZ & C.ia PERNAMBUCO.

Sem cheiro, sem fumaça, sem residuo, luz uniforme, por conseguinte, sem igual. Vende-se nas principaes casas de genero. Representante: Adolpho Woebcken, rua da Alfandega, 112. Tel. Norte, 2340.

AS DORES DE DENTES E Insomnias

SÃO COMBATIDAS EFFICAZMENTE

Pela

ASCIATINE

EM COMPRIMIDOS

Tomar 2 ou 3 comprimidos n'um gole d'agua

Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA

São Bernardo (São Paulo)

Off. Graphica d'O MALHO